



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – LICENCIATURA

FERNANDA RIBEIRO PEREIRA

**PROBLEMATIZANDO RELAÇÕES DE GÊNERO A PARTIR DA
SÉRIE “O GAMBITO DA RAINHA”**

Tocantinópolis/TO
2023

FERNANDA RIBEIRO PEREIRA

**PROBLEMATIZANDO RELAÇÕES DE GÊNERO A PARTIR DA
SÉRIE “O GAMBITO DA RAINHA”**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Ciências Sociais (Licenciatura) para obtenção do título de Cientista Social e aprovada em sua forma final pelo Orientador, Coorientadora e pela Banca Examinadora.

Orientador: Dr. Marcio José de Carvalho – Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT
Coorientadora: Dra. Mariane da Silva Pisani – Universidade Federal do Piauí – UFPI

Tocantinópolis/TO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

R484p Ribeiro Pereira, Fernanda.
Problematizando Relações de Gênero a Partir da Série "O Gambito da Rainha". / Fernanda Ribeiro Pereira. – Tocantinópolis, TO, 2023.
64 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Tocantinópolis - Curso de Ciências Sociais, 2023.

Orientador: Marcio José Rosa de Carvalho

Coorientador: Mariane da Silva Pisani

1. Problematizando. 2. Relações de Gênero. 3. "O Gambito da Rainha". 4.
Netflix. I. Título

CDD 300

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FERNANDA RIBEIRO PEREIRA

**PROBLEMATIZANDO RELAÇÕES DE GÊNERO A PARTIR DA
SÉRIE “O GAMBITO DA RAINHA”**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Ciências Sociais para obtenção do título de licenciada em Ciências Sociais e aprovada em sua forma final pelo Orientador, Coorientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: __/__/__

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcio José Rosa de Carvalho (Orientador – UFT)

Profa. Dra. Mariane da Silva Pisani (Coorientadora – UFPI)

Profa. Dra. Chirley Rodrigues Mendes (Examinadora – UFT)

Profa. Dra. Maysa Mayara Costa de Oliveira (Examinadora – UFT)

Tocantinópolis, 2023

“O imaginário brasileiro, pelo racismo, não concebe reconhecer que as mulheres negras são intelectuais” – Conceição Evaristo.

Dedico este trabalho para aqueles que assim como eu buscam por um mundo mais igualitário e em especiais a minha mãe Elizângela e minha avó Domingas, mulheres negras que semearam e semeiam resistência, esperança e amor – Novembro de 2023.

AGRADECIMENTOS

O desdobramento, o desenvolvimento e a finalização deste Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, contou com muita ajuda, no qual sou extremamente grata, pela gentileza e disposição em fazer parte da minha caminhada, agindo positivamente ao longo destes anos, dentre as quais agradeço:

A minha amada mãe Elizângela e minha querida avó Domingas, pelo alicerce, por todo apoio (paciência, companheirismo e compreensão), por terem caminhado lado a lado comigo (foi combustível de amor e força), durante todo esse percurso mesmo distante, vocês foram parte dele e uma parte de mim, espero que um dia eu possa lhes retribuir significativamente tudo que fizeram (fazem) por mim, sem medir esforços, apesar das inúmeras dificuldades. Agradeço ao Sr. José Augusto Dionízio, por me fornecer suporte, palavras positivas e encorajamento e às minhas irmãs Warla e Elys Divina, pelas palavras de motivação, por terem acompanhado minha trajetória, a toda à minha família eu agradeço imensamente.

A minha querida coorientadora Dra. Mariane da Silva Pisani, atualmente docente na Universidade Federal do Piauí – UFPI, que primeiramente foi minha orientadora, me ajudou gradativamente com suas incisivas e notáveis argumentações, sugestões e pontuações, sua ajuda e confiança me encorajou a prosseguir, sou grata por ter acreditado em mim, pelo incentivo, companheirismos e apoio, muito obrigada, professora Mariane! Agradeço também de coração à professora Dra. Rita de Cássia Domingues Lopes, pelas sugestões imprescindíveis, incentivo e carinho.

Ao meu Orientador Dr. Marcio José de Carvalho, pelo encorajamento, ajuda, dedicação e paciência que teve comigo e por se dispor a fazer parte da minha trajetória acadêmica, todo o auxílio, de coração meu muito obrigada! Aos demais, docentes e discentes do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, meus sinceros agradecimentos, por todo conhecimento compartilhado e trocas – através de suas aulas e suas experiências, permitiram-me hoje estar concluído este trabalho. Como diz o Educador e Filósofo Paulo Freire, “ensinar não é só transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Agradeço também a nossa querida Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT, pela educação dada, pelo apoio no desenvolvimento deste trabalho e por conferir o grau de graduada em licenciatura em Ciências Sociais.

Às irmãs Maysa Honorato e Railane Honorato, gratidão pelo tempo que moramos juntas, por me proporcionarem bons momentos e ótimas memórias. Agradeço a Dona Maria Aires e o Sr. Raimundo (pessoas que a vida me presenteou através da Letícia Conceição, amiga que a Universidade me proporcionou), por todo o amor, amparo e o carinho que me deram! Às “Craudinhas” – minhas amigas: Eva Dagna, Letícia Conceição, Maísa Dias, Nair Trajano, Rafaela Coutinho, Suellem de Jesus e Thaissa Amanda, por terem caminhado comigo, pelos momentos compartilhados e pelas extraordinárias aventuras que tivemos dentro e fora da Universidade, grata, pois os laços que teçamos no início continuam vívidos, a rede que construímos, me ajudou a finalizar mais um ciclo, sem sombra de dúvida não caminhamos sós nessa vida, muito obrigado meninas, por tudo! Ao Flávio da Xerox, meus agradecimentos pela paciência, pela positividade para com todos/as e por ser tão prestativo.

Agradeço ainda às minhas amigas de infância: Caroline Pimentel, Hellen Divina, Joyce Ferreira, pela força e cumplicidade. Nesta pequena seção não conseguirei fazer jus a todas elas, mas quero aqui expressar meus sentimentos de gratidão a todos/as que direta ou indiretamente contribuíram para que fosse possível a realização deste trabalho, a cada um meu muito obrigado! Vocês ajudaram-me a realizar um sonho – a minha formação acadêmica, foi uma honra conhecê-los/as e ter vívido uma parte da minha vida com pessoas incríveis: docentes, estudantes, servidores e amigas. A proteção divina também me fez chegar até aqui, até porque eu acredito que somos guiados por algo muito maior que nós – GRATIDÃO! A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa” (Jorge Larrosa Bondía, p.21, 2002).

RESUMO

Essa pesquisa desdobra-se a refletir sobre a categoria gênero sob a ótica da mídia, considerando-as universo-plurais. Para a discussão, o fio condutor será a análise da série “O Gambito da Rainha”, do catálogo do serviço de streaming - Netflix. O objeto de estudo é compreender como se apresentam e desenvolvem as Relações de Gênero na série “O Gambito da Rainha”, (2020). O recorte temático se concentra em *Problematizando Relações de Gênero a Partir da Série “O Gambito Da Rainha”*. Metodologicamente este trabalho se baseou nos estudos de Angela Davis, Sueli Carneiro, Judith Butler, Joan Scott, etc., que colocam em debate a necessidade de estudar gêneros. Assim, a pesquisa dedicou-se a analisar cuidadosamente fotogramas/frames, trechos, partes e fragmentos da série que demonstram a categoria gênero de modo latente. Essa pesquisa é de cunho Qualitativo, outras metodologias que foram empregadas são: Levantamento Bibliográfico, Estudo/Análise do Discurso e Decupagem. As considerações finais abrem portas para pensar as produções audiovisuais não apenas como um tipo de linguagem/arte/veículo de entretenimento, mas como também de opinião crítica-reflexiva sobre problemas de gêneros, sexualidades, desigualdades, violências e tantos outros marcadores. A conexão entre mídia e o gênero traz novos ares, novos ventos, novas perspectivas de transformar os velhos paradigmas, os velhos conceitos datados e antiquados do que é ser mulher e homem na sociedade. Os estudos de gêneros deixa claro que o masculino e o feminino não são fixos, se misturam, incorporam e são diversos, ou seja, a diversidade é grande.

Palavras-chave: Problematizando. Relações de Gênero. “O Gambito Da Rainha”. Netflix.

ABSTRACT

This research unfolds to reflect on the gender category from the perspective of the media, considering them as plural universes. For the discussion, the guiding thread will be the analysis of the series “O Gambito da Rainha”, from the streaming service catalog - Netflix. The object of study is to understand how Gender Relations are presented and developed in the series “O Gambito da Rainha”, (2020). The thematic focus focuses on *Problematizing Gender Relations from the Series “O Gambito Da Rainha”*. Methodologically, this work was based on studies by Angela Davis, Sueli Carneiro, Judith Butler, Joan Scott, etc., which put into debate the need to study genres. Thus, the research was dedicated to carefully analyzing photograms/frames, excerpts, parts and fragments of the series that demonstrate the genre category in a latent way. This research is of a Qualitative nature, other methodologies that were used are: Bibliographic Survey, Study/Discourse Analysis and Decoupage. The final considerations open doors to think about audiovisual productions not only as a type of language/art/entertainment vehicle, but also as a critical-reflexive opinion on problems of gender, sexualities, inequalities, violence and many other markers. The connection between media and gender brings new air, new winds, new perspectives to transform old paradigms, old dated and outdated concepts of what it means to be a woman and a man in society. Gender studies make it clear that masculine and feminine are not fixed, they mix, incorporate and are diverse, that is, diversity is great.

Key words: Problematizing. Gender Relations. “The Queen’s Gambit”. Netflix.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Capa da série – “O gambito da Rainha”.....	19
Imagem 2 – Beth participando de um campeonato de Xadrez em Paris – “O gambito da Rainha”.....	25
Imagem 3 – Beth Harmon no último episódio da minissérie – “O gambito da Rainha”	34
Imagem 4 – Beth e sua melhor amiga Jolene – “O gambito da Rainha”	38
Imagem 5 – Beth Harmon e o Sr. Sheibel – “O gambito da Rainha”	40
Imagem 6 – Beth Harmon e Borgov, campeonato final – “O gambito da Rainha”.....	49
Imagem 7 – Beth Harmon e o tabuleiro de xadrez no teto – “O gambito da Rainha”.	51
Imagem 8 – Beth Harmon – “O gambito da Rainha”	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cabeçalho da Tabela de Decupagem da minissérie – “O Gambito da Rainha”	36
Tabela 2 – Atores, Atrizes, personagens e seus papéis na minissérie – “O Gambito da Rainha”	37
Tabela 3 – Diálogo entre Beth e a Jolene.....	37
Tabela 4 – Diálogo entre Beth e o Sr. Sheibel	39
Tabela 5 – Diálogo entre Beth e o Sr. Sheibel	40
Tabela 6 – Controvérsia entre a Sra. Alma Wheatley e o Sr. Allston Wheatley.....	41
Tabela 7 – Beth e a Sra. Alma Wheatley, vão às compras.....	42
Tabela 8 – Beth se inscreve no seu primeiro torneio de xadrez.....	43
Tabela 9 – Diálogo entre Beth e a jornalista Srta. Miss Jean Balke	44
Tabela 10 – Diálogo entre Beth e a Alma, Sra. Wheatley	45
Tabela 11 – Diálogo entre Beth e o Beltik.....	46
Tabela 12 – Diálogo entre Beth e o Repórter (nome do personagem não encontrado)	47
Tabela 13 – Diálogo entre Beth e o narrador do Campeonato (nome do personagem não encontrado).....	48

LISTA DE SIGLAS

ANTROPOS – Grupo de Pesquisa em Antropologia Social e Interseccionalidades

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins

UFT – Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
1 INTRODUÇÃO	17
2 OBJETIVOS.....	20
2.1 Objetivo geral.....	20
2.2 Objetivos específicos.....	20
3 TEORIAS E METODOLOGIAS	21
4 LEVANTAMENTOS BIBLIOGRÁFICOS	24
4.1 Relações de Gênero	24
4.2 Cinema e Antropologia Visual.....	26
4.3 Sociedade, mídia e mulher	28
4.4 Um breve recorte: mulheres nos “Anos dourados”	30
4.5 Mulheres versus sociedade: os velhos paradigmas	33
4.6 Jogo de xadrez, a dama e as mulheres.....	33
5 OLHARES SOBRE OS EPISÓDIOS: UMA VISÃO DE DENTRO-FORA.....	35
5.1 Episódio 01 – Aberturas / "O Gambito da Rainha"	37
5.2 Episódio 02 – O torneio / "O Gambito da Rainha"	41
5.3 Episódio 03 – Peões Duplos / “O Gambito da Rainha”	44
5.4 Episódio 04 – Meio de Jogo / "O Gambito da Rainha"	45
5.5 Episódio 05 – Treinamento / "O Gambito da Rainha"	46
5.6 Episódio 06 – Partidas Adiadas / "O Gambito da Rainha"	47
5.7 Episódio 07 – Fim de Jogo / "O Gambito da Rainha".....	48
6 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO EM “O GAMBITO DA RAINHA”.....	50
6.1 Machismo e “O Gambito da Rainha”.....	50
6.2 Gênero além dos rótulos: Liberdade dos corpos femininos	52
6.3 Empoderamento feminino e os processos de resistência	53
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	61

APRESENTAÇÃO

Chamo-me Fernanda Ribeiro Pereira, estudante no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), e busco compreender a categoria gênero – as questões de gênero sempre despertaram-me muito interesse e na graduação isso ficou mais nítido, pois pude compreender melhor a extrema desigualdade que atravessam os corpos humanos, ou seja entre homens e mulheres, o desejo também parte da influência da via materna da minha família de mulheres (matriarcado), tudo isso foi fundamental nesse processo – pois assim pude entender minhas inquietações advindas antes e durante a graduação.

Por meio da disciplina de “Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais” ministrada pela professora Dra. Mariane da Silva Pisani, no ano de 2021, pude entrar em contato com pesquisas e trabalhos de outros(as) pesquisadores(as) de outras universidades e assim vislumbrar o que almejava estudar em meu projeto de pesquisa – no mesmo ano, fui inserida no Grupo de Pesquisa Antropologia Social e Interseccionalidades (Antropos) coordenado por ela, decidimos que eu poderia estudar as Relações de Gênero, sob a ótica das mídias e de maneira mais particular, a partir das produções filmográficas – proporcionando-me conhecimento e anseio pela urgência de pensar a categoria gênero e problematizá-las a partir do universo cinematográfico.

Assim, o grupo oportunizou pensar, bem como possibilidades de aprofundar temáticas e conhecimentos fundamentais na área de Ciências Sociais e de maneira mais específica, nas áreas de Antropologia Audiovisual e dos Estudos de Gênero. Contudo, foi nos encontros e discussões mensais do grupo Antropos que passei a compreender que a linguagem fílmica e as produções filmográficas podem nos ajudar a refletir sobre assuntos presentes no cotidiano, da mesma forma como as Relações de Gênero estão presentes em todos (ou quase todos) os momentos da nossa vida.

A sociedade está em constante transformação e as produções filmográficas estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas. Não é preciso “mais ir ao cinema” para assistir a um filme, podemos fazer isso de dentro de casa a partir de serviços de streaming como Netflix, Amazon Prime e outros. As diferentes formas de consumir produções filmográficas estão atreladas ao rápido desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação, e uma grande parcela da sociedade usufruem de tais recursos. Nessa

perspectiva, pensar e desenvolver uma pesquisa, a partir do uso desses materiais, é possibilitar novas formas de ver e compreender o mundo atual.

Acredito ainda que estudar as produções filmográficas torna-se indispensável no ofício do cientista social, uma vez que os filmes (e também as séries) podem ser ferramentas pedagógicas de grande relevância para o processo de ensino-aprendizagem e pesquisa, sobretudo no que diz respeito às transformações e à diversidade do mundo atual. Consideramos que as produções filmográficas são dispositivos importantes na vida social dos indivíduos, porque são facilitadoras de conhecimento, uma vez que criam possibilidades de novos modos de aprendizagem e desenvolvimento de novas habilidades.

Por fim, ainda no ano de 2021 fui bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), promovido pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), por meio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (Propesq) com o Projeto de Pesquisa: Problematizando as Relações de Gênero a partir da série “O gambito da rainha”. Destaco que com a aprovação no Edital de PIBIC, fui inserida no projeto de pesquisa da professora Mariane, a saber: Leituras em marcadores sociais da diferença e suas interseccionalidades: questões de gênero, raça e etnicidade, corpo e sexualidades. Por conseguinte demos início no desenvolvimento do projeto – de setembro de 2021 a agosto de 2022, atuando como pesquisadoras de Iniciação Científica no Antropos, hoje este projeto foi à semente que expandiu para meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC¹.

¹ Memórias e histórias: os 15 anos do curso de Ciências Sociais na região do Bico do Papagaio Tocantins. / Mariane da Silva Pisani, Rita de Cássia Domingues Lopes (orgs.). – Goiânia: Alta Performance, 2022, 226 p. (181 a 186).

1 INTRODUÇÃO

O cinema possui grande popularidade entre todas as faixas etárias, o mesmo abordando diversas temáticas, em virtude do pluralismo, um exemplo é a categoria gênero. Assim, partimos do pressuposto de que o cinema é uma ferramenta essencial, no qual tem grande influência na sociedade por meio das narrativas que são construídas a parte da realidade social dos indivíduos, tendo grande poder simbólico na vida humana. Compreende-se que as produções audiovisuais exploram e investigam as relações humanas de forma intangível e tangível.

Tendo em vista a importância cinematográfica, esta temática dedica-se a uma reflexão sobre as Relações de Gênero a partir da Série “O Gambito da Rainha”. Entende-se que as Relações de Gênero quando não orientadas por um princípio de respeito e igualdade, tendem a colocar homens e mulheres em patamares desiguais de poder (FOUCAULT, 1926-1984). Assim, legitimando a figura masculina como modelo representativo – de sucesso, de poder, de estabilidade – de toda uma sociedade. Esse modelo, muitas vezes é naturalizado e de alguma forma pode ser presenciado e testemunhado ao longo de séculos, bem como é reproduzido até os dias de hoje. No caso da série “Gambito da Rainha” a figura dos homens aparece como modelo do que é ser um enxadrista de sucesso.

Portanto, essa temática faz uma curadoria de como são representadas as Relações de Gênero na série norte-americana “O Gambito da Rainha”, a fim de descrever e analisar essa categoria, uma vez que, como nos diz a educadora Guacira Lopes Louro, “é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros” (LOURO, 2003, p. 22), ou seja, essas relações estão presentes em nosso dia a dia e ajudam a orientar as noções do que é “ser mulher” e do que é “ser homem”. A partir do momento em que nós percebemos envoltos e orientados a partir das Relações de Gênero podemos desenvolver um olhar mais crítico sobre o contexto no qual estamos inseridos e bem como para os múltiplos estereótipos que os cercam. O mesmo acontece quando trabalhamos com livros, filmes ou mesmo séries de televisão, que é o nosso caso. As Relações de Gênero estão presentes e são retratadas nessas produções artísticas.

Assim, a seguinte temática, desabrochou a partir do interesse em pensar as Relações de Gênero, o que implica em relações de poder, geralmente do sexo masculino sobre o sexo feminino. Dessa maneira, expostas pela linguagem fílmica na série já citada, temos a representação de papéis de gênero bem delimitados e evidenciados, papéis esses construídos

socialmente e culturalmente, difundidas sobre essas identidades que são construtos sociais. Deste modo proponho a seguinte questão: *de que maneira as Relações de Gênero são representadas na série “O Gambito da Rainha”?*

Ao observar a minissérie à luz das teorias das Ciências Sociais que versam sobre as Relações de Gênero, pretendemos mostrar que quando as relações de Poder se invertem – ou seja, quando as mulheres alcançam lugares de prestígio em suas trajetórias pessoais e profissionais – elas tendem a ser vistas – pelos homens – como uma ameaça, um incômodo e até mesmo um problema, pois compreende-se que adentra esses “espaços cristalizados” ao longo da história, é aflige o código do conservadorismo – por sentirem-se humilhados e aborrecido por ter “seu território” invadido por uma mulher.

Este trabalho objetivou problematizar as Relações de Gênero a partir da série “O Gambito da Rainha”, na análise da minissérie foi necessário ampliar os horizontes do debate sobre as Relações de Gênero, à luz do rigor conceitual da teoria social. Em sua essência, essa pesquisa debruça a partir do interesse em pensar as Relações de Gênero, o que implica em relações de poder, geralmente do sexo masculino sobre o sexo feminino. Visto que as configurações de poder estruturam o indivíduo e medicalizar os corpos. Nesse sentido a escritora Simone de Beauvoir, em seu livro “O Segundo Sexo”, publicado inicialmente em 1949, destaca que o corpo da mulher é um território no qual deve ser um instrumento de libertação e não delimitador, limitado aos critérios biológicos dos sexos, negligenciado a autonomia dos corpos.

Assim, esse trabalho traz um olhar significativo sobre a categoria Gênero, que atravessam as relações humanas, bem como a importância cinematográfica, sendo um universo plural, no qual tem a capacidade de estimular o espectador a refletir a respeito das relações em que vivem, e sobre a sociedade, como também, emocionar-se, conectar-se, sonhar, entre outros sentimentos e percepções a parte das histórias (cenário, falas, imagens e outros) transmitidas mediante filmes, série, minissérie e outros. Logo sendo um artefato cultural, é uma ferramenta educativa poderosa que pode alcançar os sujeitos de modo diferente, através de diversas narrativas que representam a realidade, tal como elucidando questões importantes do cotidiano, logo contribui para a transformação social.

Deste modo, estudar a categoria Gênero sobre o olhar cinematográfico é lançar a luz sobre diversos marcadores/estereótipos que são naturalizados e evidenciados no cotidiano, ou seja, no dia a dia das mulheres, que pode se tornar invisível aos olhos da ‘sociedade’. Essa ferramenta possibilita uma compreensão das relações de poder entre os sujeitos, pois as

realidades ali presentes são reflexos do cotidiano, são pensadas e produzidas com objetivos diversos. A produção da mídia é uma espécie de matéria-prima fonte inexaurível de conhecimento e possibilidades [...] é uma pesquisa de campo empírica no qual o “campo” é a película que passa (HIKIJ, 2012, p. 13-14), fornecendo-nos dados indispensáveis.

Em suma, este trabalho tem sua relevância social, pois contribui para o estudo das Relações de Gênero a partir da obra cinematográfica “O Gambito da Rainha”, além de ajudar ampliar os Estudos de Gênero, pois são inúmeros os motivos para estudar essa categoria, uma vez que as relações humanas são socialmente construídas/desenvolvidas para os sujeitos e pelos sujeitos.

Imagem 1 - Capa da série "O gambito da Rainha".



Fonte: Netflix/Divulgação, 2020.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Examinar, a partir das leituras teóricas, como se apresentam e desenvolvem as Relações de Gênero na série “O Gambito da Rainha”.

2.2 Objetivos específicos

- a) Assistir os sete episódios da série “O Gambito da Rainha”;
- b) Descrever como as Relações de Gênero aparecem em cada um dos episódios;
- c) Identificar outros Marcadores Sociais da Diferença (sexualidade, raça, geração, entre outras) que possam aparecer na série;
- d) Aprofundar as leituras sobre Mídia, Imagem e Cinema;
- e) Intensificar as leituras sobre Relações de Gênero;
- d) Investigar o esporte Xadrez à luz da Categoria Gênero.

3 TEORIAS E METODOLOGIAS

Definição de Termos:

Metodologia: uma maneira de pensar, analisar e estudar o sujeito e a realidade social.

Métodos: são procedimentos de investigação, ou seja, são técnicas de coletar e analisar de dados de forma valida e precisa.

Codificação: ação de transformar os dados para forma de teoria, através da contextualização, organização, seleção e separação dos dados obtidos.

Segundo os pressupostos teóricos de pesquisa o presente estudo é de cunho qualitativo, do tipo descritivo e exploratório, fundamentada em dados secundários e com enfoque teórico, neste sentido compreende-se que a “metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” (MINAYO, p.16, 1994), no qual possibilita identificar e analisar em profundidade dados mensuráveis e não-mensuráveis, como também fomenta conexões viáveis, ou seja,

“A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, p. 21, 1994).

Considerando que a pesquisa qualitativa é esse universo de possibilidades que reverberam e garantem um senso de visão crítica-reflexiva, as “técnicas e os procedimentos (método), por outro lado, fornecem os meios para transformar essa visão em realidade” (STRAUSS; CORBIN, p. 21, 2008). Além disso, adiante os autores ressaltam que “sua capacidade não é apenas de gerar teoria, mas também de basear essa teoria em dados. Tanto a teoria como a análise de dados envolve interpretação, mas, pelo menos, é interpretação baseada em investigação feita sistematicamente”. Nas palavras dos autores, a pesquisa qualitativa é um termo designado para pesquisas que alcancem resultados sem necessariamente fazer uso de procedimentos estatísticos ou de outros meios de quantificação, ou seja, processo não-matemático de interpretação da realidade social (STRAUSS; CORBIN, p. 23, 2008).

“Pode se referir à pesquisa sobre a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos, e também à pesquisa sobre funcionamento organizacional, movimentos sociais, fenômenos culturais e interação entre nações. Alguns dados podem ser quantificados, como no caso do censo ou de informações históricas sobre pessoas ou objetos estudados, mas o grosso da análise é interpretativo” (STRAUSS; CORBIN, p. 23-24, 2008).

Mediante o exposto, a metodologia qualitativa é a ponte para pensar e analisar a realidade social, cultural, bem como os grupos sociais aos quais os sujeitos estão inseridos, é uma pesquisa social que busca interpretar e estudar a sociedade minuciosamente, com base no ato de investigações.

A abordagem qualitativa nos deu subsídio para analisar em profundidade esse universo dos significados vivenciados socialmente. Por sua vez, este trabalho utiliza-se de outras metodologias que são: Levantamento Bibliográfico, sendo fundamental para delimitação do tema a ser estudado, através do processo de mapeamento e seleção dos documentos, esta curadoria potencializa a pesquisa, pois a coleta de dados, seleção, organização e identificação dos mesmos possibilitam resultados riquíssimos no desenvolvimento da pesquisa.

Outro método foi à Análise de Discurso, através desta, pode-se interpretar os fatos, acontecimentos, momentos, textos visuais e outros, que perpassa uma relação de dinâmica entre o sujeito e relação de gênero e onde ele está inserido. Está metodologia nos deu base para analisar cuidadosamente, produzir dados, com adequação, sensibilidade e autenticidade.

A fim de analisar esta produção audiovisual, compreendem-se as utilidades de seu uso, neste sentido trabalhar com análise de discurso, nas palavras de INIGUEZ, et. al., (2004) “[...] é um meio de colocar em prática o papel da linguagem como eixo de compreensão e estudo dos processos sociais, que muitas vezes são construídos discursivamente na sociedade”. Nesse sentido a análise do discurso “leva em conta a singularidade do objeto, a complexidade dos fatos discursivos e a incidência dos métodos de análise que permite produzir os estudos mais interessantes, a fim de fazê-lo minimamente” (MAINGUENEAU, 1997, p. 19) nas ciências sociais.

Outra técnica necessária no desenvolvimento deste trabalho é a Decupagem, que é o ato de organizar de forma detalhada textos/filmes/séries, a fim de proporcionar um melhor entendimento para o leitor sobre o assunto apresentado.

Contudo, iniciamos assistindo todos os sete episódios da série “O Gambito da Rainha”. Durante o processo de análise e observação anotamos todos os momentos, ao longo dos capítulos, em que as Relações de Gênero ficam evidentes. Paralelamente buscamos também anotar outros possíveis Marcadores Sociais da Diferença que apareçam ao longo da produção cinematográfica. A partir disso construímos tabelas onde inserimos: a) o título do episódio; b) o tempo onde se encontra a passagem a ser analisada; c) a descrição da cena; d) a transcrição do diálogo; e) a classificação do diálogo dizendo sobre o que o mesmo se refere (Relações de Gênero, Sexualidade, Relações Étnico-Raciais, ou outros Marcadores Sociais da Diferença).

Etapa essa que se chama decupagem foi fundamental para facilitar a compreensão. Todo esse material deu-nos subsídios para analisar em profundidade a série “O Gambito da Rainha” à luz das teorias das Ciências Sociais.

Por intermédio da abordagem teórica foi estruturado o trabalho mediante o levantamento de dados teóricos relacionados à temática, ou seja, aprofundamos as leituras sobre as Relações de Gênero; bem como leituras que versam sobre essa modalidade esportiva: a prática do Xadrez. Dito isso a pesquisa bibliográfica versa a partir da análise e investigação de artigos científicos, dissertações, teses que estão disponíveis *on-line*, em portais e bancos de dados da CAPES e CNPq, como também na biblioteca física do campus universitário de Tocantinópolis, a Universidade Federal do Norte de Tocantins (UFNT). Os materiais foram lidos, fichados e organizados conforme a temática a qual pertencem. Todas estas técnicas ajudaram a entrelaçar os dados obtidos ao assistir a série com a teoria lida.

4 LEVANTAMENTOS BIBLIOGRÁFICOS

4.1 *Relações de Gênero*

A minissérie “O Gambito da Rainha”, apresenta ao longo dos seus episódios diversos marcadores sociais da diferença (ZAMBONI, 2014) como, por exemplo, Relações de Gênero, Sexualidade, Relações Étnico-Raciais e Geração. O foco da pesquisa são as relações de gênero representadas na minissérie, sobretudo os papéis de gênero que são atrelados ao sexo feminino, ou seja, como alguns estereótipos que se tem a respeito da feminilidade agem muitas vezes de forma silenciosa, infundindo expectativas e convenções sobre as mulheres de forma contínua, complexa e dinâmica até o momento atual.

Partimos da premissa de que o que se compreende enquanto feminino é identificado como frágil, dócil e repleto de passividade – já o que se compreende enquanto masculino é provido de prestígio e geralmente, associado a características, como força e poder etc.. Diante de questões como essas atreladas as relações de gênero – ali também estão presentes as relações de poder – no qual são mais salientadas na minissérie e trabalhadas cuidadosamente, essas relações de dominação que organizam e separam homens das mulheres (vice-versa), expondo as desigualdades cristalizadas e enraizadas nas estruturas sociais da sociedade. São incontestáveis os efeitos das desigualdades entre homens e mulheres, abordados pela série.

Segundo a educadora Guacira Lopes Louro, “para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, importa observar não exatamente seus sexos, mas, sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos.” (LOURO, 2003, p. 21). Fazendo uma analogia a série, podemos dizer que se estar diante dados reais, no cotidiano o sexo é limitador de delimitador, na série isso é nitidamente abordado, a todo o momento o fator biológico é uma característica dêlimitante e segregadora, no qual Beth sentiu na pele, o Jogar xadrez foi sem dúvidas um grande desafio para a protagonista da série (embora essa seja uma questão muito trabalhada, não se limita apenas a ela).

Considerando que poucas mulheres tinham oportunidades de atuar nessa área, uma vez que o esporte era voltado para homens, ou seja, um jogo majoritariamente praticado por homens. A série mostra, em algumas passagens, como a desvalorização das mulheres, e a falta de investimento nelas, são notáveis, ou seja, “adentrar esses espaços majoritariamente ocupados por homens ainda constitui-se um grande desafio para as mulheres enxadristas” (TRIVILIN, 2020, p. 23), pelo fato de serem mulheres.

Imagem 2 - Beth participando de um campeonato de Xadrez em Paris – "O gambito da Rainha"



Fonte: Netflix/Divulgação, 2020.

Dessa forma aprofundamos as leituras sobre essa temática a fim de enriquecer o trabalho com reflexões teóricas que já foram realizadas no campo das Ciências Sociais. Consequentemente sobre as Relações de Gênero que se desenvolvem no ambiente do xadrez já foram produzidos alguns estudos. Segundo Trivilin, “o ambiente enxadrístico, especificamente, possui regras e convenções peculiares que permitem selecioná-lo como um espaço para se pensar a categoria gênero, dentro de suas estruturas esportivas e nas relações sociais que o constitui.” (2020, p. 7). Portanto, utilizamos da minissérie “O Gambito da Rainha”, para elucidar as relações de gênero, como também na tentativa de contribuir para os estudos de gênero. Ainda nesse sentido, partimos da concepção de que a Antropologia nos ajuda a compreender o fenômeno do cinema,

São inúmeras as afinidades entre a antropologia, por um lado, e fotografia e o cinema, por outro: a busca do registro de diferentes modos de vida; sua função enquanto memória e ‘acervo’ de diversos modos de ser; o desejo de proximidade com aqueles que nos são distantes; a relação com o mundo do outro; a tentativa de reconstruir esse outro mundo; a tentativa de buscar no outro o que é de si, fazendo do outro um espelho (NOVAES, 2009, p. 10).

Do ponto de vista das interpretações das ciências sociais, o cinema, os filmes e as séries constroem memórias retratam o cotidiano de uma maneira bem próxima à realidade vivida. A série “O Gambito da Rainha” nos ajuda a pensar sobre a vida social e desvelar como

as relações de gênero podem ser transpostas da tela para o mundo empírico. Nessa acepção a introdução cinematográfica no campo da antropologia oferece várias possibilidades, para uma discussão epistemológica da prática antropológica (BARBOSA, 2006, p. 7) sendo um vasto campo de pesquisa para as Ciências Sociais e para além.

4.2 Cinema e Antropologia Visual

O cinema e a antropologia visual possuem íntimas e complexas relações, designam e fomentam questões similares, criam identidades, subjetividades, objetivos com alvos, imbuídos de significados e necessidades é um verdadeiro *fieldwork*, nas palavras de Rose Satiko Gitirana Hikiji, (2012) é capaz de rebela o inconsciente óptico, bem como veículo de representações. Nesse contexto os autores Andréa e Edgar (2006, p. 8) destacam que a;

[...] linguagem fotográfica e cinematográfica desenvolveu-se paralelamente à elaboração dos métodos clássicos da antropologia [...] elas expressaram formas de olhar e de construir problemas de maneira homóloga – uma colaboração ao mesmo tempo distante e provocadora, mas que evidencia o quanto a antropologia, a fotografia e o cinema, enquanto construções culturais podem compartilhar o desafio de entender e significar o mundo e sua diversidade.

Outro aspecto a ser destacado é que essas ciências, não são apenas formas de olhar e registrar os fatos sociais² do mundo, mas de interagir, participar, de sensibilizar o olhar para ‘se’, para o ‘outro’, para o ‘todo’, ou seja, um olhar sob outra ótica de enxergar a vida, o indivíduo, suas relações sociais, culturais, políticas e históricas. O mundo por sua vez limita a prática de olhar a realidade, o autor Lupicinio Iñiguez (2004, p. 27) destaca que “não é dentro de nossa mente que temos que “olhar” para saber como pensamos, e sim devemos “olhar” para nossos discursos; não devemos esquadrihar nosso “interior” e, sim, devemos permanecer no exterior visível a todos”, para entender e ser agentes reflexivos, mediante o que é oferecido ou vendido pela sociedade.

Recorrendo a Rosane de Andrade, (2002) a autora explica que a antropologia visual contribui significativamente para a identificação e reconhecimento de sentimentos, emoções e sensações das coisas, das pessoas. A contemporaneidade é testemunha do quanto à antropologia abriu portas para as novas formas de se pensar e fazer pesquisas e metodologias,

² “Fato social” Expressão de linguagem incluída no livro “As regras do método sociológico” de Émile Durkheim: o “fato social são fenômenos que se dão no interior da sociedade, que perpassa as maneiras de ser, pensar, agir e sentir, exteriores ao indivíduo, que são dotadas de um poder de coerção” (2007, p. 03) que transcendem o sujeito.

essas transformações condicionaram a antropologia visual a discutir o quanto a narrativa da visualidade fornece muito mais que dados: ela é parte integrante do nosso entendimento – tornando-a indissociável do saber científico. Ainda de acordo com a autora,

[...] a antropologia não dispensa os recursos visuais e não são recursos apenas como um suporte de pesquisa, mas são meios de comunicação e expressão do comportamento cultural, social e histórico. A antropologia visual não almeja dentro dos novos padrões de pesquisa, apenas esclarecer o saber científico, mas humanisticamente compreender melhor o que o outro tem a dizer para outros que querem ver, ouvir e sentir (ANDRADE, 2002, p. 110-111).

Parto do pressuposto de que o cinema é capaz de nos levar a sentir inúmeros sentimentos, a exercitar nossa imaginação, vislumbrar cenários que representam a realidade despercebida, ou seja, levam a despertar, a descobrir percepções do próprio cotidiano, por meio das experiências vivenciadas, em diversas esferas da sociedade. Nesse sentido, pensar esse artefato de conhecimento que nasce do olhar acurado, do questionar, do se colocar e querer se representar, carrega concepções valiosas e um vasto conhecimento.

O que Rosane de Andrade argumenta que a imagem nunca poderá dizer algo do mundo, que ela não tem a objetividade necessária para compor um discurso científico (2002, p. 69). Assim, compreende-se que a Ciências Sociais, é um campo vasto de conhecimentos, particularidades e possibilidades, são ciências que mergulham em ‘alto mar’ para desfrutar do extraordinário, do tangível, do simbólico, do social, do cultural, do territorial, do político e da historicidade, são múltiplas suas interfaces e conexões.

Pensando o cinema enquanto artefato expressivo das culturas sociais, que reverbera experiências e materialidade, [...] o filme, por exemplo, é um testemunho e um documentário da realidade vivida, tornando-se um instrumento poderoso para a memória coletiva. Através das imagens, podemos aproximar mais as lembranças e as sensações daquilo que vivemos e estamos vivendo (ANDRADE, 2002, p. 69-70), sendo capaz de registrar situações difíceis de escrever ou expressar-se de forma clara, a linguagem cinematográfica faz isso cuidadosamente.

Como já dissemos anteriormente a antropologia visual, entra como esse artefato cultural de consciência, já que a realidade pode ser invisível para alguns, mas para outros não, ao pensar o quanto a sociedade pode sufocar os indivíduos, compreender-se que muitas vezes sua própria realidade se torna invisível aos seus olhos, quando tal compreensão ocorre, desperta um alto conhecimento das ações e inter-relações vividas socialmente. Para Andréa e Edgar (2006, p.58) as imagens fílmicas e fotográficas podem revelar dados fundamentais

sobre nossa própria sociedade e nosso modo de pensar [...] com também o cinema, enquanto artefato cultural é uma via de acesso privilegiada para os objetivos a que a antropologia e as ciências sociais em geral se propõem. A antropologia visual representa o cruzamento claro entre Antropologia e Fotografia (FERRAZ, et. al., 2014, p. 715) e desde então, evidentemente, as maquinarias audiovisuais e as tecnologias digitais, fornecem dados relevantes para se pesquisar múltiplos assuntos que perpassam a vida humana.

A luz das teorias das Ciências Sociais, o registro fotográfico e fílmico acompanha a história da Antropologia. Tais instrumentos possibilitaram a construção de novas formas de fazer e pensar etnografia, enaltecendo a possibilidade de registrar a realidade dos fenômenos sociais com maior objetividade e subjetividade. Se as fotografias e filmes retratam com objetividade a realidade, analisar as Relações de Gênero a partir desse material é relevante e indispensável para as Ciências Sociais. Assim, a produção audiovisual reverbera possibilidades de desconstruir velhos paradigmas atrelados aos papéis sociais construídos ao longo da história para mulheres e homens, e por fim favorece outras narrativas sobre a igualdade e a equidade de gênero.

4.3 Sociedade, mídia e mulher

Em primeiro plano a sociedade prevalece em constantes transformações (Estruturais, Econômica, Política, Cultural, Social etc.) tais mudanças condicionam os indivíduos, uma vez que esses corpos são territórios socialmente e culturalmente construídos e conseqüentemente vigiados. Em contrapartida, temos as produções audiovisuais que exercem papéis significativos na sociedade, principalmente no que tange nossa capacidade de enxergar a si e o outro através delas. Nota-se que “a mídia possui a capacidade de induzir ideias e transformar realidades, e sua ação tem o poder de criar e manter relações de poder, neste caso de gênero” (ALMEIDA; PEREIRA, 2020, p. 34), ou seja, é um poder simbólico que através de seus discursos discute e ao mesmo tempo faz reflexões sobre as relações humanas, tal como as relações de gênero, pois há uma ideia de subjetividades permeadas nessas manifestações e linguagens.

De antemão as produções audiovisuais exploram, investiga não só o material, mas o intangível que são as relações humanas, nessa perspectiva estudar relações de gênero a partir de produções fílmicas (séries/novelas/filmes e outros) possibilita desvelar a profunda desigualdade de gênero que cerca as mulheres, no qual coloca em xeque a diferença biológica, ou seja, há uma probabilidade possível de desconstruir as ditas “verdades universais” presente

na sociedade, que legitima a simbiose do patriarcado estrutural que naturaliza as formas de subordinação da mulher, negando-a e reduzindo-a a meras aparências (MILHOMEM, 2012, p.54) o oposto do que é preparado e fornecido aos homens.

A alteridade nesse caso é marcada pela busca igualitária da igualdade, não somente contra as barreiras de acesso às esferas da sociedade, mas, também equidade das interações e papéis sociais do cotidiano, que segregam as mulheres nas esferas reprodutivas e produtivas, num eterno processo de mediação (MILHOMEM, 2012, p.60) camuflado na história do mundo ao longo dos milênios.

Contudo, os estudos têm mostrado que a luta ainda é constante/diária, dia após dia as mulheres vivem a internalização da desigualdade de gênero através do processo de socialização, ou seja, advém de discurso que se fundamenta na ideia de subserviência, subordinação, poder e controle dos corpos femininos, assim essa autoconstrução do sujeito dão-se pelo uso dos dispositivos de dominação que exerce o controle das ações humanas tal como são e em razão do que são e isso permeia as práticas cotidianas que vão de encontro com *habitus*, valores, estereótipos etc.. Além dessas, Milhomem (2012, p. 59) cita que,

A subordinação da mulher advém da própria maneira como a sociedade é socialmente organizada, com a criação de obstáculos que dificultam a emancipação da mulher na cultura, na política, no âmbito familiar e no trabalho. As barreiras que dificultam essa emancipação não podem ser homogêneas, nem tampouco naturalizadas, pois cada país, com sua cultura, religião, economia etc., pode ter formas diferenciadas no modo de reconhecer a mulher enquanto mãe, esposa, trabalhadora, política, etc...

Como salienta Angela Davis (2016), somos condicionados por um sistema que legitima a desigualdade, essa estrada foi estruturada com princípios desiguais de acordo com cada período – e que o processo libertário é uma luta diária e constante, pois as raízes da desigualdade são profundas e espinhosas, “a liberdade é uma luta constante para os grupos excluídos”. Até porque a sociedade justifica esse pólo de poder atribuído ao homem e isso é visto nitidamente em todas as suas esferas (social, econômica, política, religiosa etc.), bem como nas classes dominantes e subalternas, ditando e classificando os corpos. Maria Santana Ferreira dos Santos Milhomem (2012) fundamenta e esclarece que é necessário desnaturalizar esse engendramento social e cultural que todos esses conjuntos de poderes sobrepõem sobre os indivíduos, que conseqüentemente se apropriam de tais códigos, e passam a serem agentes sociais que geram sobre si esses códigos e circulam em seus grupos sociais diversos estereótipos, adiante ela explica que isso “advém da formação do ser social, da forma como o

mudo lhe foi apresentado das suas bases culturais, da ideologia e das relações construídas no cotidiano social” (2012, p. 71) entre, pelos e para os indivíduos.

4.4 Um breve recorte: mulheres nos “Anos dourados”

A minissérie “O Gambito da Rainha” acontece no período histórico que chamamos de Anos Dourados. Estes períodos aconteceram depois das duas grandes Guerras Mundiais, a partir de 1950 até meados da década de 1960. Foi o momento em que o mundo vivenciou uma bipolarização entre a União Soviética e os Estados Unidos. Essas ações conflituosas deram surgimentos para as definições compreendidas hoje, no qual, classificaram os países desenvolvidos – chamados de nações do primeiro mundo – e os países de terceiro mundo (subdesenvolvidos e mais pobres). Todas essas mudanças geopolíticas, territoriais e econômicas condicionaram modificações sócio-culturais como, por exemplo, “o acesso à informação, lazer e consumo. As condições de vida nas cidades diminuíram muitas das distâncias entre homens e mulheres; práticas sociais do namoro, à intimidade familiar também sofreram modificações” (BASSANEZI, 2004, p.608) diante de tais acontecimentos.

A historiadora Carla Bassanezi, ao escrever sobre as mulheres nos “Anos Dourados”, nos fala que as distinções entre os papéis femininos e masculinos, entretanto, continuam nítidas; a moral sexual diferenciada permanecia forte e o trabalho da mulher, ainda que cada vez mais comum, era cercado de preconceitos e visto como subsidiário ao trabalho do homem, o ‘chefe da casa’ (2004, p. 608). A sociedade continuava a impor valores, padrões e comportamentos aos corpos femininos, com a finalidade de torná-los corpos dóceis.

Nas palavras de Michel Foucault,

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma ‘anatomia política’, que é também igualmente uma ‘mecânica do poder’, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, [...] corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’(2014, p. 135).

Como podemos ver as mulheres ao longo da história, ao nascerem são preparadas para ser donas de casa, esposas e mães. Nessa linha o casamento na vida de qualquer mulher tem um peso significativo. É importante ressaltar a mentalidade dominante dos chamados Anos Dourados, era permeada pela ideia de que “a mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado com os filhos e do marido – são características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura”

(BASSANEZI, 2004, p. 608-609), criando-se uma ideologia de feminilidade e determinista da posição da mulher dentro da sociedade.

Como bem pontua Margaret Mead, a sociedade induz os meninos,

[...] a demonstrarem bravura e belicosidade, [...] a uma sociedade vai adiante e define os homens como corajosos e as mulheres como medrosas, quando aqueles são proibidos de mostrar medo e a estas se perdoa a demonstração mais flagrante de medo, introduz-se um elemento mais explícito. Coragem, ódio a qualquer fraqueza, ao recuo diante da dor ou do perigo esta atitude, que é um componente tão forte de alguns temperamentos humanos, foi escolhida como chave do comportamento masculino. A franca demonstração do medo ou do sofrimento, que é congênial a um temperamento diferente, foi convertida em chave do comportamento feminino. Originalmente duas variações do temperamento humano, um ódio ao medo ou desejo de exibi-lo, viram-se socialmente traduzidas em aspectos inalienáveis das personalidades dos dois sexos. E nessa definida personalidade do sexo toda criança será educada, se for menino, para suprimir o medo, se for menina, para demonstra-lo. [...] Tais atitudes, fortemente marcadas em certos temperamentos, podem por seleção social ser padronizadas ou proibidas para todos, ignoradas pela sociedade, ou convertidas no comportamento aprovado e exclusivo de um único sexo (2003, p. 273-274).

No entanto, torna-se explícito seu papel cultural e social na condição de subalternidade, ou seja, os limites são estabelecidos para as mulheres, que são reprimidas oprimidas e silenciadas por meio da alteridade discursiva que reforça as hierarquias de poder, produzida pelo discurso patriarcal unívoco, que em tal período ambas pouco tinha meios de ultrapassar as trincheiras da desigualdade (mazelas), eram sucumbidas e suas opiniões negadas. Rose Marie Muraro (1971, p. 134) destaca que ao especializar os papéis, o mundo tradicional negou à mulher um papel histórico, destinando-o exclusivamente ao homem. Tal dicotomia, coisificaram os corpos femininos, na mais dura desigualdade por priorizar o sexo como fator determinista (determinismo biológico se apresenta como paradigmático no controle dos sujeitos).

Nesta perspectiva, a abordagem dada por Maria Santana Ferreira dos Santos Milhomem fundamenta e esclarece as ideias compartilhadas por Rose Marie Muraro.

A dominação masculina está presente em todas as sociedades e legitima-se no fato de todas essas sociedades se constituírem em uma perspectiva androcêntrica, a qual pressupõe e prescreve a dominação do princípio masculino (ativo) sobre o princípio feminino (passivo). Logo, a dominação masculina é uma dominação simbólica que implica a naturalização dessa dominação na sociedade, exercendo sobre os corpos um forte poder, sem haver necessidade de força física. Assim, a dominação é imposta e vivenciada pela presença da violência simbólica, uma violência doce e quase sempre invisível (MILHOMEM, 2012, p. 49).

A *priori* a rápida urbanização dos centros das cidades, modificaram alguns padrões culturais. Porém ainda neste período dos Anos Dourados é bastante significativa como “a educação com vistas a um futuro profissional e, conseqüentemente, o investimento em uma carreira eram bem menos valorizados para as mulheres que para os homens devido à distinção social feita entre feminino e masculino no que dizia respeito a papéis e capacidades” (PRIORE; BASSANEZI, 2004, p. 625), tal dicotomia prevalece na sociedade, ditando as regras e hierarquia entre-as mulheres e os homens.

Entretanto, nem todas as mulheres daquela época tinham a mesma postura que a sociedade exigia ou espera delas. Recordando BASSANEZI, (2004, p. 609) a autora explica que “na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem possibilidades de contestação”. Ficava mal à reputação de uma jovem, não seguir os padrões de condutas estabelecidos, ou seja, “não se casar” significava fracassar socialmente, isso era ofício para satíricas.

Como aponta Bassanezi (2004, p. 609-610) a mulher que não se casasse, não constituindo família, estaria indo contra a natureza, logo não poderia ser realmente feliz ou fazer com que outras pessoas fossem felizes. Assim, desde criança, a menina deveria ser educada para ser boa mãe e uma dona de casa exemplar. As prendas domésticas eram consideradas imprescindíveis no currículo de qualquer moça que desejasse se casar. Nesse quesito o casamento era a porta de entrada para a realização feminina, tido como o “objetivo de vida de todas as jovens solteiras”.

Nesse sentido, não seguir os valores tradicionais da sociedade, acarreta diversos desafios às mulheres como, por exemplo, serem desacreditadas, negligenciadas e até mesmo coagidas nas estruturas sociais. Há quem pensa que as mulheres são obrigadas a escutar que homens sabem mais sobre seus direitos e desejos do que elas próprias, porém isso é um equívoco, são as mulheres que devem definir as suas escolhas, preceitos etc.. O que é justo! E é isso que Beth faz, ela não desistir dos seus anseios, não se deixa dominar pelos papéis sociais impostos pelas estruturas de poder que reforça a dicotomia entre os sexos.

Dito isso, a minissérie mostra, claramente, essa diferença gritante entre o sexo masculino e o sexo feminino durante os Anos Dourados, bem como no mundo do xadrez, espaço este majoritariamente dominado por homens, ou seja, a disparidade entre homens e mulheres no plano do xadrez é profundamente visível. Ao adentrar neste espaço e dar seus primeiros passos temos uma Elizabeth Harmon inicialmente calada e retraída. A trama narra

sua vida, uma emocionante jornada rumo ao sucesso, encarando os desafios para alcançar uma projeção internacional em uma sociedade machista e controladora.

Inicialmente Beth é uma jovem mulher solitária no meio masculino do xadrez profissional, pouco a pouco ela vai conquistando espaço e respeito e, ao final da série consagra-se como a maior e melhor enxadrista do mundo, quando vence o russo Vasily Borgov (interpretado por Marcin Dorocinski).

4.5 Mulheres versus sociedade: os velhos paradigmas

Historicamente, como já mencionado desde o início dos tempos as mulheres eram vista em lugar de subserviência, “às mulheres nunca tiveram suas opiniões consideradas pelos homens – que se julgavam incrivelmente mais fortes, emocionalmente maduros e frios o suficiente para tomar as decisões mais duras, ou simplesmente se consideram o máximo” (QUEIROZ, 2006, 23). Isso é refletido ao longo da história uma hierarquia impiedosa, atingindo a vida da mulher nos diversos contextos em que ela se insere (ALMEIDA; PEREIRA, 2020, p. 33), nas mais diversas formas de opressão, controle e dominação.

Até o momento é nítido que, ao nascerem às mulheres são condicionadas a esse universo ideológico de feminilidade (de como ser uma mulher), desde cedo são implantadas em suas mentes, modos, regras, ‘etiquetas especiais para as mulheres’, a fim de torná-las obedientes e em hipótese alguma contestar as regras, porque mulher inteligente demais não se casava. Os “Anos dourados” é um reflexo disso, no qual ser submissa, sem voz, dócil, era a descrição da mulher ideal, pois ser o oposto disso, era um afronto a sociedade, que legitima esse tipo ideal de mulher.

A atualidade mostra que mesmo diante das inúmeras conquistas, os “Anos dourados” se faz presente, pois há quem diga que a comparação de um menino com uma menina é algo negativo, há quem pense que as tarefas domésticas são obrigações das mulheres, tal discurso demarca significativamente os copos, delimitando e limitando suas ações. É explícito que a sociedade valoriza o masculino e não o feminino, levantando hierarquias de poder de forma tão natural que essas ideias se espargem pelas esferas sociais. A categoria gênero organiza a vida dos sujeitos e a sociedade direciona-os ao fato biológico (sexo), negando o essencial que é; cada indivíduo desenvolve sua própria personalidade ou identidade.

4.6 Jogo de xadrez, a dama e as mulheres

Os jogos, independentemente de quais sejam, possuem uma realidade autônoma, mesmo que sua língua não possua um termo geral capaz de defini-lo [...] o jogo tem, por natureza, um ambiente instável (HUIZINGA, 2000, p. 19). Nesse sentido o "[...] xadrez é, por um lado, científico e especulativo e, de outro, artístico" (SETERS, 1995, p. 9). Podemos considerar o jogo de Xadrez enquanto uma forma de arte, conectada ao corpo e a mente.

Apesar das mulheres sempre vistas como o sexo frágil na sociedade ocidental, no jogo de xadrez elas são configuradas a peça mais poderosa. "Honra às damas! O sexo frágil é a peça mais poderosa de jogo. A dama pode se movimentar quantas casas quiser, tanto ao longo das fileiras, como das colunas ou diagonais" (SETERS, 1995, p. 27). Estar posto, portanto, que não há nada de frágil ou inferior na figura da dama no xadrez. Pelo contrário, esta suposta fragilidade é apenas um estereótipo para inferiorizar a figura da mulher. A trajetória de Beth, de sucesso, lutas, persistências, vitórias e superações, mostram como não podemos deixar que essas pré-concepções nos afetem ou nos silenciem ainda mais.

Imagem 3 - Beth Harmon no último episódio da minissérie "O Gambito da Rainha"



Fonte: Netflix/Divulgação, 2020.

Em uma matéria da revista Vogue, sobre os significados do figurino da personagem Beth Harmon, essa situação de superação das mulheres fica ainda mais evidente. A figurinista da minissérie, Gabriele Binder, traz uma característica significativa nas roupas de Beth. No início de sua trajetória como enxadrista Beth se vestia com roupas simples que simulavam um tabuleiro de xadrez (vestidos e saias quadriculadas); no último episódio da minissérie a personagem está vestida como a própria peça Dama, a Rainha do tabuleiro, ao trajar um

vestido branco (as peças brancas sempre fazem o primeiro movimento) com uma boina da mesma cor (HOBBS, 2020). Beth superou-se em sua trajetória, venceu os desafios impostos por uma sociedade machista e tornou-se a melhor enxadrista do mundo.

5 OLHARES SOBRE OS EPISÓDIOS: UMA VISÃO DE DENTRO-FORA

A série “O Gambito da Rainha” estreou em outubro de 2020 e foi dirigida pelo cineasta Scott Frank, a mesma integra o catálogo do serviço de streaming Netflix. Ela possui, até o presente momento, apenas uma temporada e da mesma forma possui sete episódios de 60 minutos cada. Trata-se na verdade, de uma adaptação do livro *The Queen 's Gambit*, do autor Walter Stone Tevis, publicado no ano de 1983. A série conta a vida da órfã Elizabeth Harmon que, durante as décadas de 1950 a 1970, torna-se uma enxadrista prodigiosa e ganha o torneio mundial da modalidade. Contudo, antes de chegar ao patamar mais alto das competições de Xadrez e tornar-se uma grande campeã, Beth a protagonista enfrenta diversas situações na qual, sua condição de mulher é colocada em questão para desmerecer sua capacidade no jogo. A série é bastante cativante e faz uma reflexão-crítica sobre diversos marcadores sociais da diferença (ZAMBONI, 2014) presentes na sociedade – apresentados pelas produções audiovisuais.

A minissérie compartilha a história de Elizabeth Harmon, uma enxadrista que vive experiências de opressão por uma sociedade machista e patriarcal, no processo de luta por espaço e igualdade. Beth, apelido pelo qual era chamada, foi enviada a um orfanato logo após a morte de sua mãe biológica e lá desenvolveu um incrível talento para o xadrez. As relações de gênero estabelecidas entre os diversos personagens que compõem a minissérie são notáveis e ficam explícitas através da história de vida marcante da personagem principal. Afinal ela sobrevive no mundo do xadrez, essencialmente dominado por homens, bem como atravessa os anos 1950, 1960 e 1970, período no qual os papéis de gênero da mulher estavam essencialmente voltados para o espaço doméstico: lar, família, marido e filhos.

Tabelas: Com o intuito de facilitar a localização dos(as) atores(atrizes), personagens e papéis interpretados, dados da minissérie, apresentamos as tabelas construídas a parti de cada episódio, para facilitar a análise dos dados encontrados, para um melhor entendimento:

*Tabelas: Tem como objetivo organizar as informações obtidas.

Tabela 1 - Cabeçalho da Tabela de Decupagem da minissérie “O Gambito da Rainha”

Ano de Lançamento:
Diretor (es):

Atores (as) Principais:							
Episódio Analisado e Título:							
INÍCIO E FIM	CENA		PERSONAGENS		ELEMENTOS DA CENA		Outros dados que julgar importante para análise
	Ambiente	Época	Nome do (a) ator/atriz e do (a) personagem	O que o personagem faz.	Descrição do que eu vejo em cena	Descrição do Diálogo	

Fonte: Pereira e Pisani, 2021.

Tabela 2 - Atores, Atrizes, personagens e seus papéis na minissérie “O Gambito da Rainha”

ATOR/ATRIZ	PERSONAGEM	PAPEL INTERPRETADO NA MINISSÉRIE
Anya Taylor-Joy	Elizabeth Harmon (Beth)	Personagem principal
Bill Camp	Sr. Shaibel	É o zelador do Orfanato. Ele ensina Beth a jogar xadrez durante a infância, isso quando ela foi para o orfanato, após a morte de sua mãe. Assim, através do Sr. Shaibel, ela tem seu primeiro contato com o jogo de Xadrez.
Marielle Heller	Alma Wheatley	Mãe adotiva da Beth possui problemas com drogas e bebidas (dependência química), mas apoia Beth em sua luta para tornar-se uma jogadora de xadrez mundial.
Thomas Brodie-Sangster	Benny Watts	Jovem prodígio do Xadrez. É arrogante e popular, sendo que inicialmente é o maior rival de Beth e depois se torna seu tutor, amigo e interesse amoroso.
Moses Ingram	Jolene	Melhor amiga da Beth. É uma jovem mulher negra que enfrenta situações de violência de gênero e racismo ao longo da minissérie.
Harry Melling	Harry Beltik	Jogador de xadrez. Encontra Beth no primeiro campeonato disputado por ela. É inteligente, sagaz, mas não continua na carreira de enxadrista. Ajuda Beth, quando a mesma já é adulta, a livrar-se do vício em remédios.
Jacob Fortune-Llloyd	D.L. Townes	Jornalista, fotógrafo e entusiasta do xadrez. É um interesse amoroso de Beth, mas não é correspondido, uma vez que é homossexual. Torna-se um dos seus maiores amigos durante a minissérie.

Fonte: Pereira e Pisani, 2021.

Esse material deu subsídios para analisar em profundidade a série O Gambito da Rainha à luz da antropologia. Elencamos a seguir alguns trechos que julgamos cruciais para a compreensão das relações de gênero a partir da minissérie. O material apresentado está em uma tabela simplificada onde conta: Personagens e o que estão fazendo; Diálogo; Outras Observações. A escolha por essa forma de apresentação dá-se em virtude da quantidade de informações, compreendemos que é preciso apresentar aqui apenas o mais importante para a compreensão das Relações de Gênero.

5.1 Episódio 01 – Aberturas / “O Gambito da Rainha”

Tabela 3 - Diálogo entre Beth e a Jolene

PERSONAGENS E O QUE ESTÃO FAZENDO	DIÁLOGO	OUTRAS OBSERVAÇÕES
Beth e Jolene - Estão conversando sobre uma menina chamada Alice, que havia chegado há pouco tempo ao orfanato e já havia sido adotada.	<p>Beth: Isso não é justo, ela chegou depois de você (aponta para Jolene).</p> <p>Jolene: A maioria de nós ficará aqui para sempre. Estamos aqui há muito tempo. Ninguém nos adotará, somos velhas demais ou negras demais.</p> <p>Beth: permanece em silêncio, ouvindo atentamente Jolene (usa da expressão facial para confirmar seu entendimento).</p>	As relações estabelecidas (socialização) abrem espaço para trocas sociais e afetivas entre as crianças, como é o caso da amizade que foi construída entre Beth e Jolene. O marcador social étnico-racial está posto nesta cena.

Fonte: Pereira e Pisani, 2022.

Imagem 4 - Beth e sua melhor amiga Jolene, “O gambito da Rainha”



Fonte: Netflix/Divulgação, 2020.

A cena traz um debate necessário, que é a adoção de crianças negras, se pensamos no Brasil as crianças negras correspondem o maior número de órfãos nos abrigos brasileiros e poucas têm a chance de serem adotadas, porque muitos ainda colocam a cor da pele como critério determinante na sua escolha, isso evidencia o qual desumano foi à escravidão, porém a escravidão não cessou só ganhou uma nova face. Paula Batista em seu artigo “Na fila da adoção, crianças negras são a maioria” publicado em 25 de maio de 2021, ela cita que “no Cadastro Nacional de Adoção do Conselho Nacional de Justiça, das 8.476 crianças

cadastradas para adoção, 65,93% são negras e pardas, um total de 5.588 crianças no Brasil” um número significativo e isso é um problema social, compreende-se a presença da discriminação racial é reforçada e legitimada por uma sociedade que tem “dificuldade social” de assumir que é racista, de fazer uma auto-análise de si (para promover a humanização, precisa ser humanizando).

Tabela 4 - Diálogo entre Beth e o Sr. Sheibel

PERSONAGENS E O QUE ESTÃO FAZENDO	DIÁLOGO	OUTRAS OBSERVAÇÕES
Beth e Sr. Sheibel - Sr. Shaibel, está no porão jogando Xadrez, e Beth está limpando os apagadores de giz ao lado do porão. Já faz alguns dias que ela o observa jogar. De tanto observar-o curiosa ela se aproxima do Sr. Shaibel.	Sr. Shaibel: Meninas não jogam xadrez. (diz com frieza no tom de voz). Beth (sem vocalizar): olha firmemente para ele e toma coragem para mostrar o que havia aprendido apenas observando-o jogar, ela internalizou em si o quanto tinha capacidade para se aperfeiçoar.	Beth ficou bastante curiosa sobre o jogo que Sr. Sheibel jogava sozinho. Ela queria saber mais sobre o jogo, por isso ficava imóvel, olhando o zelador jogar. Um dia ela tomou coragem e se aproximou, e foi imediatamente rechaçada por ele. Contudo ela não se intimidou, sentou-se à mesa e surpreendeu o Sr. Shaibel.

Fonte: Pereira e Pisani, 2022.

Nesta cena o Sr. Shaibel³, reforça um dois marcadores da desigualdade gênero, que é o sexo, quando ele diz que só homens jogam xadrez, limitando-a a condição de mulher, evidenciando a dicotomia que a sociedade pontua, marcando as ideologias de feminilidade e masculinidade e conseqüentemente separando os corpos, porque se espera que as mulheres sigam o que lhes foi ensinado, ou seja, a obedecerem, “uma mulher sempre dever ser comportada, obediente, delicada”, e principalmente seja dona de casa, isso se dá pela objetificação feminina, sob o olhar masculino.

Nessa passagem percebem-se algumas ideias pré-concebidas de que as mulheres não tem tanta capacidade intelectual quanto os homens para fazer ou exercer as mesmas coisas, esse discurso é reforçado pela sociedade, limitando-as e direcionando-as apenas ao espaço domestico. Fazendo uma analogia ao filme “Rainha de Katwe”⁴ é baseado em uma história real (Livro de Tim Crothers), lançado no ano de 2016, conta a imprevisível historia de uma garota pobre - que se torna uma prodigiosa enxadrista, por mais que os contextos sejam

³ O Sr. Shaibel, joga parcialmente todos os dias, no período da manhã.

⁴ No filme, a protagonista acaba chamando atenção, pela sua capacidade de aprender observando e ouvindo (pois não sabia ler), sua evolução é surpreendente, mesmo diante de tantos obstáculos em sua vida (problemas sociais: fome, pobreza, desigualdade, discriminação, preconceito e outros), além disso, destaca-se por levantar temas como representatividade, superação de cunho social e o papel da mulher negra na sociedade.

diferentes, ambos evidenciam a desigualdade de gênero, assim, como na série “O gambito da Rainha” e no filme “Rainha de Katwe” o jogo xadrez, ou seja, o próprio tabuleiro e as estratégias do jogo servem de analogia para lidar com seus problemas e desafios do cotidiano, ambas sentiram na pele as diversas contrariedades de um sistema machistas e patriarcal, que não admitem perder para as mulheres.

Imagem 5 - Beth Harmon e o Sr. Sheibel, “O gambito da Rainha”



Fonte: Netflix/Divulgação, 2020.

Tabela 5 - Diálogo entre Beth e o Sr. Sheibel

PERSONAGENS E O QUE ESTÃO FAZENDO	DIÁLOGO	OUTRAS OBSERVAÇÕES
Beth e Sr. Sheibel – Após uma primeira aproximação, Beth e Sr. Sheibel passaram a jogar xadrez com frequência. Na cena em questão eles estavam jogando uma partida. Beth olhava calmamente para as peças, sabia como elas se moviam e como realizava-se às capturas das peças. Esses conhecimentos foram feitos graças às suas observações mediante as partidas jogadas com o Sr. Shaibel e à sua imaginação.	Beth: Eu já sou boa o bastante agora? Sr. Shaibel: Quantos anos você tem? Beth: Nove. Sr. Shaibel: Nove anos de idade. Beth: Vou fazer dez em novembro. Ele se inclinou e sorriu levemente para Beth. Sr. Shaibel: Para falar a verdade, menina... Você é impressionante.	É evidente que Beth, tem um talento natural para o jogo. O orfanato obrigava as meninas a tomarem remédios tranquilizantes, com o intuito de manter seus corpos dóceis e disciplinados. Sob o efeito dos remédios, quando Beth se deitava para dormir, via o tabuleiro projetado no teto do quarto e da mesma forma via as peças se movimentando sobre ele. Mais tarde saberemos que os tranquilizantes tornaram-se um vício, sem o qual ela acreditava não saber jogar.

Fonte: Pereira e Pisani, 2022.

Nos primeiros episódios da série, é claro o rápido desenvolvimento de Beth, o Sr. Shaibel, percebeu o seu talento nato para aprender xadrez, em pouco tempo Beth, aprendeu a

fazer combinações ousadas, isso inevitavelmente lhe chamou atenção, desde então ele passou a ensiná-la tudo que ele sabia sobre o esporte xadrez. A figura do Sr. Shaibel, tornou-se algo importante em sua trajetória, ele teve um papel significativo, muito além de um mero zelador, lhe deu suporte, encorajamento, para alcançar seus objetivos, como também romper as barreiras da desigualdade que permeiam o mundo do esporte xadrez.

Sobre isso, compreendemos que hoje há um debate significativo sobre o espaço feminino no esporte – historicamente e na série vimos que mulheres enxadristas têm menos apoio e oportunidades, o Sr. Shaibel, lhe incentivou de forma positiva, mas a falta de apoio financeiro é algo retratado de forma muito pontual – o descrédito envolvendo questões de gênero, é algo representativo na série.

É necessário pontuar, no entanto, que esta realidade, se faz presente na contemporaneidade, o xadrez ainda é um esporte majoritariamente masculino. A desigualdade permeia toda a estrutura, que vão desde os suportes (salários e patrocínios) desiguais entre homens e mulheres, como também a forma como elas são recebidas – a sociedade reforça essa disparidade, ocasionando um distanciamento desincentivo para quem sonha em ser uma jogadora de xadrez, pela forma como as enxadristas são tratadas, sem reconhecimento, vistas como inexperiente – mas, não lhes dão subsídios para o aperfeiçoamento⁵, sem qualquer acolhimento ao público feminino.

5.2 Episódio 02 – O torneio / “O Gambito da Rainha”

Tabela 6 - Controvérsia entre a Sra. Alma Wheatley e o Sr. Allston Wheatley

PERSONAGENS E O QUE ESTÃO FAZENDO	DIÁLOGO	OUTRAS OBSERVAÇÕES
Sra. Alma Wheatley e o Sr. Wheatley - estão em um diálogo tenso, na frente de sua casa, discutindo a respeito do carro. A Sra. Alma Wheatley, questiona o Sr. Wheatley, por não deixar o carro, o Sr. Wheatley, estava de partida para Denver – Oeste (Colorado-USA) a negócios e ficaria várias semanas fora. Beth viu e ouviu toda a conversa, da janela de seu quarto, seu semblante muda ao escutar a conversa, pois havia algo de estranho no modo como o Sr. Wheatley, falava (Sr. Wheatley, tinha outra família).	<p>Sra. Alma Wheatley: Você precisa levar o carro?</p> <p>Sr. Allston Wheatley: Como vou fazer as coisas sem carro?</p> <p>Sra. Alma Wheatley: Não sei você pode alugar um.</p> <p>Sr. Allston Wheatley: E usar metade da minha comissão?</p> <p>Sr. Allston Wheatley: E você dirige muito mal.</p> <p>Sr. Allston Wheatley: Lembre-se, o que o médico disse. Exercício lhe fará bem.</p>	A Sra. Alma Wheatley, debate com o Sr. Wheatley, em frente da casa, com relação ao carro, ela insiste para ficar com o automóvel, porém ele não permite, usando critérios negativos (humilhando-a), para justificar sua decisão. Tal argumento deixou a Sra. Alma Wheatley, em silêncio, não disse outra palavra, o Sr. Wheatley, entrou no carro e partiu ao seu destino e a Sra. Alma Wheatley, retornou para casa, triste e

⁵ “Mulheres no Xadrez: profissionais questionam o espaço feminino no esporte”. Repórteres: SILVA et. al., (2021) Revisão: NETTO.

		desconsolada.
--	--	---------------

Fonte: Pereira e Pisani, 2022.

Nessa passagem temos um discurso social que rege as condutas humanas, no qual reforça que os homens têm mais “habilidades no volante” e que “mulheres são um perigo constante”, essa diferença colossal imposta pela sociedade, efetiva esses mitos, baseados no senso comum, (sem quaisquer pesquisas que comprovam isso) assim, costumam a menosprezar a capacidade feminina – além disso, muitos tendem a reforçar essas pré-disposições, construídas e reproduzi-las para a valorização de um grupo (homens) e a desvalorização de outro (mulheres) – a propagação desse discurso machista é estrutural e social – a sociedade reforça a manutenção desses privilégios.

Tabela 7 - Beth e a Sra. Alma Wheatley, vão às compras

PERSONAGENS E O QUE ESTÃO FAZENDO	DIALOGO	OUTRAS OBSERVAÇÕES
Beth e a Sra. Alma Wheatley – A Sra. Alma Wheatley leva Beth ao centro da cidade para comprar roupas. Elas foram à loja de departamentos Ben Snyder’s. que vende peças baratas.	Sra. Alma Wheatley: Darei 40 centavos por semana, poupe e compre seu jogo de xadrez. A economia é uma lição importante para as meninas. Poupe. Beth olhou fixamente para a Sra. Alma Wheatley, sem dizer nada.	Quando Beth fala a Sra. Alma Wheatley, que gostaria de trabalhar para ter mais dinheiro, a mesma retrucou dizendo que “só meninas de cor trabalham na sua idade”. Beth sentiu vontade de falar, mas apenas olhou para sua mãe adotiva, refletindo sobre sua resposta.

Fonte: Pereira e Pisani, 2022.

Temos neste trecho, as noções de protagonismo financeiro visível pela Sra. Alma – ela mostra que apesar dos estereótipos cristalizados, de que as mulheres são as mais consumista (gastadeiras), ela reforça que dinheiro não é assunto exclusivo de homens, e que mulheres são sim economistas, que poupam com sabedoria e gastam com prudência, e por mais que a sociedade reforce a ideia de que falar de dinheiro com os homens é diferente de como se fala com mulheres, e isso é permeadas por relações estereotipadas de gênero – quando a Sra. Alma, diz que “a economia é uma lição importante para meninas” ela coloca em cheque a importância de serem mulheres independentes, mesmo que seja preciso ser “acrobata” diante dos obstáculos, reforça Simone de Beauvoir (1949), ou seja, sair da sombra da dependência, é uma forma de libertação de muitas das mazelas de opressão imposta pela sociedade. É importante lembrar que a mãe de Beth, reforça isso ao dizer “não depender de nenhum homem”.

Além disso, temos a preconceito e discriminação racial, “que caracterizou a neurose cultural brasileira”⁶, quando a Sra. Alma retruca que “só meninas de cor trabalham na sua idade”, ou seja, “a Mulher negra, naturalmente, é a cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta” (GONZALES, p. 226, 1984), porque a sociedade em si criou a ideia de que um grupo serve e outro atua exercendo poder e a dominação”, então é entendido que a Mulher Negra é direcionada as entrelinhas da subserviência, da opressão, assim temos questões clara da inviabilidade da mulher negra na sociedade, da solidão, do não reconhecimento e da extrema desigualdade que cercam-nas, no qual tem suas vidas limitadas, excluídas das estruturas sociais, sem qualquer direito ou voz, submetidas a marginalização social – a mulher negra sofrem por ser mulher e por ser negra.

No quinto episódio temos a amiga de Beth, Jolene, que se tornou assistente jurídica, fez faculdade no Estado de Kentucky, também conseguiu uma bolsa para Educação Física, mas desistiu quando descobriu que o lugar tinha sido chamado de Escola Normalista Estadual, para pessoas negras, a partir disso resolveu estudar história o que a deixou ainda mais irritada do que ela estava, sobre como a história foi contada e legitimada pelo Homem Branco – aí ela mudou para Ciência, e posteriormente almeja fazer direito. Jolene diz: “o mundo é uma doideira, se eu vou mudar ele, eu não posso passar minha vida toda ensinando garotas brancas como segura uma raquete, eu vou ser uma radical”. E a ideia de reconstruí esse sistema social causa pânico, porque foi configurado para isso e quando se têm cada vez mais mulheres negras ocupando os diversos espaços da sociedade, é um grito rumo à liberdade, é o RADICAL de Jolene.

Tabela 8 - Beth se inscreve no seu primeiro torneio de xadrez

PERSONAGENS E O QUE ESTÃO FAZENDO	DIÁLOGO	OUTRAS OBSERVAÇÕES
Beth - Beth está efetuando sua inscrição no Campeonato Estadual de Kentucky, no ano de 1963. Ela irá disputar seu primeiro campeonato de xadrez.	<p>Mike: Já jogou em algum torneio?</p> <p>Beth: Não.</p> <p>Mike apontou para o dinheiro.</p> <p>Mike: Tem certeza de que quer fazer isso?</p> <p>Beth: Tenho sim.</p> <p>Mike: Não temos categoria só para mulheres.</p> <p>Beth (sem vocalizar): nada diz e apenas o encara firmemente.</p>	No campeonato de xadrez a maioria dos participantes eram homens (jovens ou garotos). Além de Beth existia outra competidora mulher. Não havia nenhuma pessoa negra, homem ou mulher.

⁶ “O racismo se constituiu com a sintomática que caracterizou a neurose cultural brasileira” Lélia Gonzales. GONZALES, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-224.

Fonte: Pereira e Pisani, 2022.

A princípio Elisabeth Harmon, oriunda do Kentucky, era vista sob um olhar excludente, ela percebia isso, olhares incrédulos pelo seu talento inestimável, por parte dos conservadores, que só enxergavam as mulheres somente nos espaços domésticos, ou seja, manter-se estritamente em casa, por muitas vezes ela era tida como incapaz, sem qualquer capacidade de empregar o raciocínio lógico e matemático que o xadrez exigia, pois havia a ideia de que só homens eram dotados de tal intelectual.

Assim, aos poucos ela foi conquistando espaço e se tornando reconhecida pelas partidas magistrais e sua habilidade fantástica de criar estratégias, chama atenção em um cenário hostil e majoritariamente composto por homens, e tão pouco acolhedor, ela passa a dar visibilidade e ser inspiração para outras mulheres a jogarem o jogo xadrez.

5.3 Episódio 03 – Peões Duplos / “O Gambito da Rainha”

Tabela 9 - Diálogo entre Beth e a jornalista Srta. Miss Jean Balke

PERSONAGENS E O QUE ESTÃO FAZENDO	DIÁLOGO	OUTRAS OBSERVAÇÕES
Beth está dando uma entrevista à revista Life. Em entrevista à Life, Beth falou um pouco sobre sua história. A Srta. Balke fez vários questionamentos sobre sua trajetória, em seu quarto, ambas de frente uma para outra, enquanto Beth está segurando alguns de seus troféus nas mãos enquanto o fotógrafo tira os retratos e a Srta. Balke faz as perguntas.	<p>Srta. Balke: Você é um máximo. Beth: Ficou meio encabulada. Srta. Balke: Qual é a sensação? De ser uma garota no meio de todos aqueles homens?</p> <p>Beth: Não, eu não ligo.</p> <p>Srta. Balke: Não é intimidador? Quer dizer, quando eu era menina – disse a repórter -, eu nunca tive permissão para ser competitiva. Eu brincava de boneca.</p> <p>Beth: Xadrez nem sempre é competitivo.</p> <p>Srta. Balke: Mas você joga pra ganhar.</p> <p>Beth: Sim, jogo, mas xadrez também pode ser lindo.</p>	A revista Life, não estava interessada em como ela jogava ou em suas partidas, mas por ela ser mulher.

Fonte: Pereira e Pisani, 2022.

A presença dos diversos homens enxadristas não era algo intimidador para Elisabeth Harmon, pois seu foco era em si, em sua evolução (ela reconhecia a si e seu talento nato), por mais que a preocupação por parte dos homens se fixava em ela ser mulher e não em suas habilidades – perder para uma mulher, nunca foi visto como algo positivo na sociedade, “corrói a moral dos bons costumes”, para muitos mulheres devem submeter-se a uma categoria de subserviência, que ocupar um lugar distinto dos homens, mas nunca a sua frente – a famosa frase “por trás de um grande homem, sempre tem uma grade mulher”. As

mulheres são ensinadas a não serem completivas, mas a serem dóceis, amáveis, a fazer juízo aos ditos “valores femininos” não o oposto disso, porque são “coisas e para meninos”.

Tabela 10 - Diálogo entre Beth e a Alma, Sra. Wheatley

PERSONAGENS E O QUE ESTÃO FAZENDO	DIÁLOGO	OUTRAS OBSERVAÇÕES
<p>Sra. Wheatley, está lendo a revista Life, para Beth, na espera do jantar. Ela leu alguns trechos da revista que dizia: Para algumas pessoas o xadrez é um passatempo, para outras é uma compulsão e de vez em quando surge uma pessoa para quem o xadrez é um direito de nascença, de vez em quando um menininho surge e nos maravilha por ser precoce no que pode ser o jogo mais difícil do mundo. Mas se esse menino fosse uma menina: uma menina jovem e séria, de olhos castanhos, cabelo ruivo e vestido azul escuro? No mundo dos melhores torneios de xadrez que é dominado por homens, surge uma adolescente com olhos muito intensos do colégio Fairfield em Lexington, Kentucky. Beth ficou incomodada e pensativa com a publicação da Life.</p>	<p>Beth: O que importa para eles, é que eu sou uma garota. Sra. Wheatley: Mas você é. Beth: Isso não deveria ser importante. Não publicaram metade das coisas que eu disse, não falaram sobre o Sr. Shaibel e não falaram nada sobre como eu jogo a Siciliana. Sra. Wheatley: Beth, querida isso a torna você uma celebridade! Beth: Por ser uma garota, principalmente.</p>	<p>Beth era vista negativamente pela sociedade, por não seguir o padrão, pois as moças de sua idade eram direcionadas e treinadas para o casamento para serem boas esposas, enquanto Beth buscava crescer profissionalmente.</p>

Fonte: Pereira e Pisani, 2022.

Como já dissemos anteriormente, o fator biológico, foi colocado em pauta diversas vezes, pois se esperam que mulheres não quebrem o “teto de vidro”, que a sociedade construiu para homens – o importante não era como ela jogava (“não falaram nada sobre como eu jogo a Siciliana”), mas o fato de ser uma mulher extremamente espetacular, e com uma capacidade extraordinária de jogar xadrez, coisas que se esperava de um homem e não de uma mulher. A realidade atual mostra-nos que apesar das conquistas, essas características conflituosas atravessam as estruturas sociais e reforça as desigualdades de gênero nos diversos âmbitos e contextos sociais que mulheres ocupam.

5.4 Episódio 04 – Meio de Jogo / “O Gambito da Rainha”

Em um mundo permeado por discursos pejorativos, Elisabeth Harmon teve que lidar com estereótipos negativos sobre sua personalidade, modo de agir e fazer, alguns enxadristas

reforçavam esses pensamentos ao “dizerem que ela é alcoólatra⁷. Seu jogo é quase todo ataque, para que nem sempre a vigiem. Quando ela erra fica brava e pode ser perigosa”, “Como toda mulher” – esse discurso historicamente gênerificado (construído) de que as mulheres são ‘naturalmente descontroladas’ é produzindo e reproduzindo por homens e mulheres – e essa naturalização desqualifica as mulheres no sentido diminutivo, porque se à agressividade forma produzida pelo homem é visto como personalidade forte, então há um tratamento diferenciado para atitudes de ambas as partes.

5.5 Episódio 05 – Treinamento / “O Gambito da Rainha”

Tabela 11 - Diálogo entre Beth e o Beltik

PERSONAGENS E O QUE ESTÃO FAZENDO	DIÁLOGO	OUTRAS OBSERVAÇÕES
Beth Harmon estava tentando mostrar para Beltik, porque um lance específico com o cavalo era mais forte do que parecia. Ela moveu as peças rapidamente, Beltik não conseguiu acompanhar na mesma velocidade.	<p>Beth: O cavalo toma e depois o peão avança. Se ele não prosseguir, o bispo fica preso. Quando isso acontece, o outro peão cai.</p> <p>Beltik: E esse outro bispo aqui?</p> <p>Beth: Ah, pelo amor de Deus, ele dará xeque assim que o peão se mover e o cavalo for trocado. Você não consegue ver isso?</p> <p>Beltik: Não, não vejo tão rápido.</p> <p>Beth: Bom, eu queria que visse.</p> <p>Beltik: Você é inteligente demais para mim.</p>	Os homens se sentem ofendidos quando se deparam com mulheres mais “inteligentes” que eles.

Fonte: Pereira e Pisani, 2022.

Nas palavras de Alice Harmon – Mãe de Beth: Os homens vão aparecer querendo te ensinar coisas, não quer dizer que sejam mais inteligentes, geralmente não são, mas assim se sentem maiores. Podem te mostrar como as coisas são feitas, você só tem que deixá-los falarem e depois vai lá e faz o que você quiser fazer. É preciso ser uma mulher muito forte num mundo onde as pessoas aceitam tudo só para dizer que têm alguma coisa. Nunca se esqueça de quem você é! Subentende-se, que ser uma mulher intelectualmente ativa na sociedade, traz consigo muitos obstáculos, pois além de desconstruir valores retrógrados das camadas da sociedade, se torna uma ameaça intelectual para muitos homens, por mais que

⁷ No quarto episódio Elizabeth Harman, ouviu Borgov e seus companheiros russos falando sobre ela em um elevador, de como ela é “descontrolada” e alcoólatra, um deles fala que eles precisam lidar com ela o quanto antes no México ou em Paris.

afirmem admiração, nessa perspectiva ser inteligente de mais é algo negativo e desnecessário na visão de muitos homens.

5.6 Episódio 06 – Partidas Adiadas / “O Gambito da Rainha”

Tabela 12 - Diálogo entre Beth e o Repórter (nome do personagem não encontrado)

PERSONAGENS E O QUE ESTÃO FAZENDO	DIÁLOGO	OUTRAS OBSERVAÇÕES
Beth, e os outros participantes do torneio estão participando de uma conferência. Entrevistas simultâneas, referente à competição que acontecerá posteriormente.	Repórter: Senhorita Beth, o que tem a dizer para aqueles da federação de xadrez que acusam de ser glamourosa demais para ser uma enxadrista. Beth Harmon: Eu diria que é muito mais fácil, jogar xadrez sem o fardo de Pomo-de-adão .	Significou muito para as mulheres, Beth ter chegado tão longe, tornou possível e referência para outras mulheres.

Fonte: Pereira e Pisani, 2022.

Como já referido, a história de Elizabeth é baseada em fatos reais – marcadas por vários empecilhos, que atravessam questões de invisibilidade, preconceito por ser mulher, bem como os estereótipos de que ser uma mulher elegante não é equivalente a ser também uma mulher inteligente. Nos primeiros episódios Beth, se deparou com questões de bullying na escola, por ser diferente aos olhos da sociedade e inteligente demais para ser mulher – no início a sua condição econômica lhe impedia de usar as coisas e roupas que lhe chamava atenção, a mediada que ela ia conquistando espaço e dinheiro começou a comprar materiais de aperfeiçoamento como livros sobre xadrez e tabuleiros, bem como roupas sofisticadas – no sexto episódio Beth cita que gosto de roupas bonitas, ser refinada e inteligente demais causou descontentamento – em certo momento Elizabeth é acusada de ser “glamurosa demais para ser uma enxadrista”, (objetivando a ideia estereotipada de que mulher bonita e de bom gosto é desprovida que qualquer inteligência) isso demonstra claramente que independente do período, não ir de encontro como os valores impostos pela sociedade, não é algo passivamente aceito pelo sistema patriarcal e conservador.

A analogia citada por Beth de que é “muito mais fácil jogar xadrez sem o fardo de Pomo-de-adão”, deduz-se que a pressão social baseada nos princípios criados ao longo da história - principalmente no que desrespeita a “herança hierárquica entre homens e mulheres” (Adão e Eva), com base na superioridade de um sexo sobre o outro, nasce a divisão corpos, masculino e feminino e em graus distinto (o segundo em um aspecto restritivo e limitado), causando e reforçando as desigualdades.

5.7 Episódio 07 – Fim de Jogo / “O Gambito da Rainha”

Tabela 13 - Diálogo entre Beth e o narrador do Campeonato (nome do personagem não encontrado)

PERSONAGENS E O QUE ESTÃO FAZENDO	DIÁLOGO	OUTRAS OBSERVAÇÕES
Beth Harmon está jogando sua primeira partida de xadrez, contra a elite russa, no salão reservado para o campeonato de xadrez. Seu oponente se chama Camarada Laev, URSS.	<p>Narrador do campeonato: Pelo que eles sabiam o nível de xadrez de Harmon, não era palha para o deles. Alguém como Laev, provavelmente não gastou muito tempo se preparando para a partida. Elizabeth Harmon, não era uma jogadora muito importante para o padrão deles.</p> <p>Beth: Se sentia completamente deslocada. Toda vez que olhava para os homens ao redor, eles sorriam levemente, ela compreendia que havia um mundinho fechado, no qual ela entendia que estava na hora de entrar nele. Na partida Laev, parece não ter se preparado para enfrentar Elizabeth Harmon. Laev estava esperando uma vitória fácil e não ser destruído em 27 lances por Beth Harmon.</p>	Jolene, amiga de Beth, trabalhou como assistente jurídica e fez faculdade no Estado de Kentucky, também conseguiu uma bolsa para Educação Física, mas desistiu quando descobriu que o lugar tinha sido chamado de Escola Normalista estadual, para pessoas negras. Ela resolveu estudar história, o que a deixou ainda mais irritada do que ela estava, aí ela mudou para Ciência, e está economizando para fazer direito. O mundo é uma doideira, se eu vou mudar ele eu não posso passar minha vida toda ensinando garotas brancas como segurar uma raquete, eu vou ser uma radical.

Fonte: Pereira e Pisani, 2022.

Os investimentos oferecidos para as mulheres eram pouquíssimos e baixos – todos os homens que estavam jogando eram brancos e apenas Beth de mulher. Cercada por homens, somente Beth representa todas as mulheres que sonhava está no mesmo lugar que ela – Beth domina o mundo do xadrez – muitos homens recebiam a derrota muito mal, saíam da partida sem falar com Beth Harmon – ao final de toda a partida na qual Elizabeth saía vitoriosa muitas mulheres a esperavam do lado de fora do salão, onde o campeonato estava acontecendo para ver ela e pedir um autógrafo. Nesse episódio, o figurino de Beth, fez conexão com o jogo de Xadrez.

Fim de jogo – Beth e Borgov enfrentam-se no tabuleiro, é a última partida. Beth é a vendedora do campeonato mundial de xadrez. Elizabeth Harmon ficou tão feliz por ter ganhado o campeonato mundial, pois sabia o quanto isso é importante para ela e para as mulheres. Borgov, lhe abraçou no final da partida. Representação feminina no xadrez, Beth Harmon é uma referência.

Borgov tinha que vencer era o que se esperava dele ganhar de uma mulher e não perder para ela. O auditório estava cheio, muitas pessoas assistindo ao jogo. Depois de alguns

lances, Borgov pediu Adiantamento, Beth ficou pensativa com sua atitude, nunca imaginou isso acontecer. No dia seguinte, a partida prosseguiu de onde tinha parado Beth, estava apreensiva, porém confiante. Quando ela se sentiu presa no jogo, respirou fundo, acalmou seus pensamentos, assim conseguiu relaxar seu corpo, o que ajudou a imaginar o tabuleiro no teto do auditório, isso ajudou em seus novos lances⁸. Quando Bogov se viu perdendo para Elizabeth Harmon, o mesmo sugeriu empate para ela, mas ela com toda a sua força e inteligência disse não, pois era isso que ele queria para não perder o status social que ele havia construído no xadrez. Muitos queriam que ela aceitasse o empate.

“Borgov, pede empate, Beth. permaneceu em silêncio por um momento. O narrador do campeonato fez questão de ressaltar que Borgov nunca oferece um empate, mas está oferecendo um a Elizabeth Harmon, se ela aceitar vai sair do palco com um empate no campeonato mundial, se eles continuarem quando a poeira baixar e o final chegar ela pode se ver em uma situação completamente diferente, Borgov é letal nas finais e ele é famoso por isso, Harmon por outro lado não ela é mais conhecida por pegar pesado no início desmoralizando os oponentes desde o começo, por isso eu acho que ela devia aceitar o empate. O mundo vai enxergar isso como um grande feito, um empate, no entanto não é uma vitória e uma coisa que sabemos sobre Elizabeth Harmon é que ela adora vencer, porém Beth, diz não”.

Imagem 6 - Beth Harmon e Borgov, campeonato final, “O gambito da Rainha”



Fonte: Netflix/Divulgação, 2020.

⁸ Beth refez as batidas e estratégias dos seus adversários inúmeras vezes, a fim de conhecer e estudar suas fraquezas e habilidades – embora o jogo de Xadrez não exige movimentação física a série retrata com perfeição o quão é exaustivo o jogo, pela necessidade do esforço mental (psicológico).

6 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO EM “O GAMBITO DA RAINHA”

6.1 *Machismo e “O Gambito da Rainha”*

A série mostra evidentemente o machismo que sempre cercou a vida das mulheres ao longo da história, a personagem é constantemente coagida por esse dispositivo de opressão. A resistência de Elizabeth Harmon mostra que as mulheres muitas vezes são impedidas de viver ativamente suas vidas na sociedade, resignadas com o destino à sombra dos homens, em sistema submissão. Entre os diversos motivos que ‘justificam’ esse processo opressor a hostilidade da lógica patriarcal é uma macha no cotidiano das mulheres, vivendo sobre trincheiras tem suas vidas invisibilizadas, controladas, usurpadas, etc., em processo legitimado pela dita sociedade de “bem”, tornando-as subjugadas ao construto social. Por fim, há quem romantize esse processo opressor.

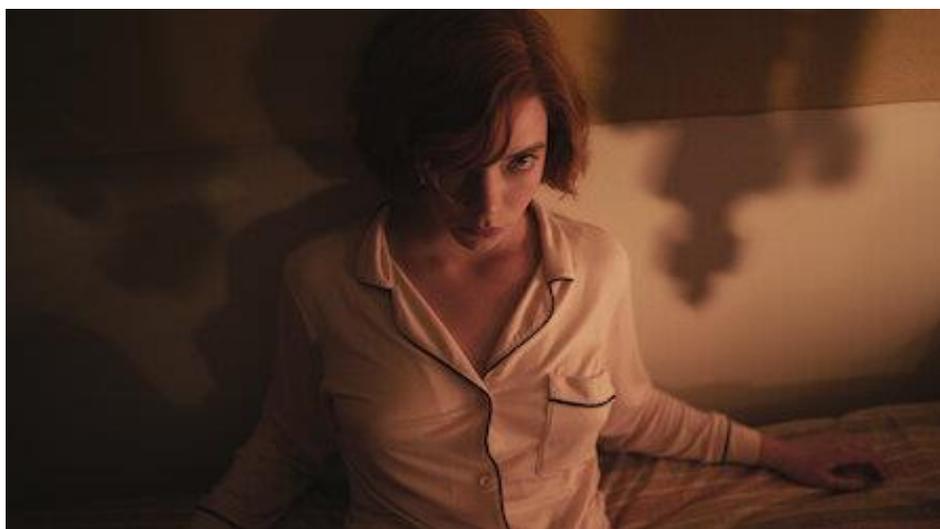
Ao longo da narrativa fica evidente que Beth teve contato precoce com o álcool e as drogas. A primeira vez que ela viu álcool, foi em uma das vezes que ela foi jogar com o Sr. Shaibel⁹, que o viu tomando uísque. O álcool e os comprimidos estiveram presentes em sua vida, a princípio ela pensava que essas substâncias lícitas ajudavam a ganhar as partidas (por um período ela se tornou dependente dessas substâncias), por fim ela percebeu que era uma válvula de escape, uma forma de fugir dos problemas e do fardo que a sociedade impõe pelo simples fato de ser mulher.

Contudo, antes de Beth chegar ao orfanato, o Sr. Shaibel, jogava xadrez só, vivia ‘solitário’ na instituição, resolvia os problemas que surgia no orfanato, concertava e arruma coisas, após sua chegada ele já não se sentia tão ‘só’, os dois passavam horas jogando – foi com ele que ela aprendeu a jogar xadrez. O Sr. Shaibel, percebeu seus talentos naturais, observando atentamente a forma extraordinária de como ela jogava, com o pouco contato que tinha com o xadrez, partindo disso ele instigou suas habilidades e a estimulou a continuar jogando – a melhorar, mesmo ele tendo falado que “meninas não jogam xadrez” à incentivou a seguir competitivamente, ainda que seja um esporte até então dominado pelos homens. É relevante ressaltar que Jolene e o Sr. Shaibel eram os únicos amigos de Beth no orfanato, no qual ela encontrou conforto.

⁹ O Sr. Shaibel é zelador do orfanato, que ensinou a Beth a jogar xadrez.

A história de Beth é marcada por conflitos internos e externos, mas sempre esperançosa em reverter seu cenário e se tornar a melhor enxadrista do mundo (álcool, comprimidos e machismo). Beth enfrentou uma constantemente pressão, tanto em sua vida como no tabuleiro por parte dos homens, porquê homens se sentem ofendidos quando se deparam com mulheres inteligentes ou melhores que eles. E Beth é uma jogadora impressionante e contestadora desse sistema opressor. Beth se contrapôs a esse sistema que não encorajam as mulheres a serem autônomas (na luta por emancipação), porque o corpo social compactua na criação das mulheres no sentido diminutivo, reforçando a ideia de que as mulheres não conseguem fazer certas coisas, porque dizem que homens fazem melhor.

Imagem 7 - Beth Harmon e o tabuleiro de xadrez no teto –“O gambito da Rainha”



Fonte: Netflix/Divulgação, 2020.

A vida de Beth é marcada por um passado conturbado, como a série mostra alguns flashbacks de memórias vividas por ela, esses gatilhos de memórias constantemente lembrados por Beth, ao longo da narrativa são apresentados. Beth lidou com seu passado confuso e com o fardo que as mulheres carregam na sociedade, ser mulher foi uma prova de fogo para Elizabeth Harmon. Uma vida marcada por sentimento de perda, abandono e solidão que refletiram sua personalidade e no seu emocional – sua luta, seus enfrentamentos e os percalços que sua vida tomou ao longo da série faz de Beth uma protagonista única, sua história é inspiradora independente do contexto, pois as temáticas (abandono, dependência química, alcoolismo, desigualdade de gênero e machismo) abordadas são corriqueiras e contemporâneas.

A série mostra que Beth se mostrou determinada a conquistar o mundo do xadrez, pois ela compreendia que precisa quebrar esse círculo fechado que se construiu em torno dos homens, sua evolução é incrível, um sinônimo de força e resistência. Beth nos convida a refletir sobre o que somos, sobre esses marcadores e dispositivos de opressões que cercam as mulheres ao longo da história (que permeiam seus cotidianos), e que consequentemente atravessaram sua trajetória de vida, libertação e conquistas em uma época em que esse universo do xadrez era pré-dominado por homens.

Imagem 8 - Beth Harmon “O gambito da Rainha”



Fonte: Netflix/Divulgação, 2020.

6.2 Gênero além dos rótulos: Liberdade dos corpos femininos

Na luta pela emancipação das mulheres é necessário combater e cortar essas raízes sócio-historicamente construídas, pelo patriarcado, pela propriedade privada e pelo Estado, que utiliza dos mecanismos de poder e violência (simbólica e estrutural, psicológica, etc.), para influenciar, controlar, impor e exercer o controle, pois a manutenção desses dispositivos de opressão é de certo modo lucrativo, para a classe controladora. Nesse sentido, esse sistema de opressão, marcam os corpos femininos, em todos os aspectos, no qual tais sistemas legitimam a disciplinarização e a regulamentação do mesmo, exercendo um controle no modo de vestir-se, comportar-se e agir, de tal forma segundo o sexo.¹⁰

¹⁰ Judith Butler traz o conceito de heteronormatividade, com base de toda significação individual fundamentada no sexo, para e sobre o sexo como marcador.

A sociedade viabiliza que antes mesmo de o bebê nascer a um universo de valores, costumes e limites lhe esperando, ser for menina a uma ideologia de feminilidade lhe aguardando, logo ao nascerem serão direcionadas ao “mundo rosa”, em muitos casos as meninas já saem da maternidade com a orelha furada, com uma vida toda planejada para que esse “mundo rosa” se concretize e isso é sustentado e potencializado pela sociedade, pelo capitalismo e outros. Entende-se o gênero como um processo de associalização, pois é definido socialmente na sociedade. Nesse sentido, essa disparidade construída é fundamentada na separação entre mulheres e homens, ou seja, legitima-se a construção de dois mundos, que não devem conectar-se aos olhos da sociedade, a mesma incessantemente escolheu separar as mulheres e os homens, essa divisão é difundida e inserida nos corpos, até o momento indubitavelmente. Nessa perspectiva, são exigidas condutas a serem seguidas de acordo com o seu sexo.

Dessa forma, o gênero enquanto essa categoria construída pelo corpo social/patriarcado/capitalista/outros, desenvolvem modelos a serem seguidos e o mais importante é deixado de lado, que é o não reconhecimento do outro como são por inteiro, desconsiderando de tempo e identidade que o sujeito deseja para si. Mia Couto parafraseia que em “um país em que as mulheres só podem ser a sua metade está condenado a ter apenas metade do seu futuro” (COUTO, 2009, p. 73), adiante ressalta ainda que,

[...] provavelmente, a mulher sofre da mesma dificuldade de ser o outro e de viajar pela alma do Homem. Mas algo me diz que ela não sofre dos mesmos receios sobre um futuro dominado pelo Homem. Na realidade, ela já está vivendo esse presente. E esse presente é um chapa-cem conduzido por mãos masculinas (COUTO, 2009, p. 72).

Deste modo, o corpo social regulariza e cria modelos padronizados, para mulheres e homens, dessa maneira, podemos pensar sobre os dispositivos de opressão que são desenvolvidos sobre os corpos femininos que não seguem tais normas geram conflitos, por exemplo; assédio sexual, machismo, sexismo, opressão estrutural, racismo, classe social, etc.. Assim, os sujeitos criam padrões de pensamentos e sentimentos e espera que todos possam seguir, quando ocorre a violação a sociedade buscar corrigir, o que o Filósofo Michel Foucault, chama de disciplinarização dos corpos, a sociedade é um sistema com arranjos que vigia e pune ao mesmo tempo, aqueles que não seguirem os padrões instituídos por ela.

6.3 Empoderamento feminino e os processos de resistência

O preconceito, a desigualdade e sexismo são como espinhos nas trajetórias das mulheres. É evidente, que a sociedade ao longo da história construiu um tipo ideal de mulher e de homem, definindo claramente seus papéis sociais, por exemplo, determinando o que são “coisas de meninas” e o que são “coisas de meninos”. Nesse sentido o gênero enquanto categoria social construída e introjetada nos corpos sexuados, legítima a ideia do que é ser mulher e do que é ser homem. Dessa maneira, Margaret Mead (2003, p. 295) cita que toda ordem parental que define como feminino uma forma de sentar, uma resposta a uma censura ou ameaça, um jogo, ou uma tentativa de desenhar, cantar, dançar, ou pintar, está moldando não só a personalidade do irmão de cada menina, como também a da irmã.

Ser mulher é um desafio, o mundo não é receptivo com as mulheres que não seguem os padrões pré-estabelecidos na sociedade, ou seja, como já dissemos anteriormente não seguir os papéis construídos para mulheres e homens, muitas vezes é um afronto ao corpo social. Segundo Margaret Mead, (2003 p. 295) “não pode haver sociedade que insista em que a mulher siga um padrão especial de personalidade, definido como feminino, que não viole também a individualidade de muitos homens”. Diante de questões como essas, acreditamos que ultrapassar as trincheiras é um desafio contínuo (travado contra as regras de uma sociedade retrógrada e machista), pois já se passaram tantas décadas, e ainda são inúmeras as dificuldades que dificultam a legitimação plena e satisfatória das atribuições das mulheres na sociedade.

Como podemos ver ergueu-se uma cultura histórica e social que naturaliza os marcadores sociais da desigualdade entre mulher e homem, fundamentada na ideia de posse, poder e dominação. É inegável que temos uma desigualdade de gênero fixa. A história nos mostra claramente, que em diversos momentos a mulher ficou (e fica) em segundo plano, nomeadas como o “sexo frágil”, estereotipada, excluídas, oprimidas, a mulher sempre ficou de uma forma muito estreita e isolada ou silenciada. Tampouco, a pluralidade de vozes e protagonismo feminino, se tinha na sociedade.

A mulher foi treinada para ser dona de casa, a condição familiar é pautada na ideia de o homem é o chefe da casa e a mulher sua submissa, a que vai cuidar dos filhos, da casa e do marido, enquanto o mesmo goza de todos os privilégios que é lhe beneficiado por ser homem, estabelecendo assim uma dicotomia entre mulher e homem, reforçando lugares distintos e hierarquicamente sobre os corpos, a ambiguidade coloca mulheres e homens em patamares desiguais em todas as esferas e arranjos da sociedade (trabalho, política, instituição familiar, economia e outros). Nas palavras de Simone de Beauvoir (1970, p. 138), agindo contra

quaisquer direitos, violentando impunemente a igualdade natural, a tirania do homem privou a mulher da liberdade que recebeu ao nascer.

O gênero sendo essa categoria analítica, adquirida e transmitida culturalmente atravessam as relações humanas. A partir do momento que o sujeito é inserido na sociedade, o sexo é marcado, ou seja, os sexos serão educados para terem condutas, aspectos e traços, etc., que a “torne mulher” e que o “torne homem”. A mulher é vista como um ser dócil, meiga, boa esposa, etc., e a figura masculina vinculada à ideia de força, poder, chefe e outros. Para Margaret Mead, é fundamental “[...] abolir a discrepância entre a doutrina de que o lugar das mulheres é no lar e o número de lares que lhes foram oferecidos. [...] abolir a discrepância entre o educar as mulheres para o casamento” (2003, p. 295) há uma hierarquia entre os gênero, os efeitos dessa desigualdade marcam profundamente a mulher, pois são rotuladas e subjugadas na sociedade, simplesmente pelo fato de ser mulher. Não há como “negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas” (Louro; 2010, p. 6) e essa justificativa biológica negligência a autonomia dos corpos femininos.

Por isso, Marilyn Strathern (2006), recorda que certas estruturas são perpetuadas com vantagem para os homens, à proporção em que “as mulheres sofrem uma injustiça social sistêmica em virtude de seu sexo”. Não é coisa de mulher, há uma desigualdade enraizada na sociedade que coloca mulheres e homens em esferas diferentes. É inegável a luta travada contra a opressão social e histórica da mulher. Nesse sentido Marilyn Strathern cita “Matthews (1984, p. 19) “a historiadora feminista encara as mulheres não em relação aos homens, mas antes de toda como formadoras e criadoras autônomas de significado”. Como é observado, o “sistema”, que coloca as mulheres numa posição dependente, é visto como um produto dos interesses masculinos” (STRATHERN, 2006). Parafraseando a história na década de 70, as mulheres eram vistas como acessórios (adornas) para seus maridos se exibirem, sem poder de opinião ou de tomar decisões, hoje na contemporaneidade essas formas violência ganham novas proporções, ser mulher ‘livre’ parece uma meta inatingível!

A sociedade não incentiva e nem estimula as mulheres, algumas não tem o luxo de poder sonhar ou de tê-los, muitas se ‘limitam’ a sobreviver. Diante dessa questão, os recursos são limitados ou escassos para mulheres, Beth inclusive sofreu isso, com o pouco investimento para mulheres no esporte xadrez, como também sua mãe adotiva, a Sra. Alma, que tinha uma paixão por piano, tocava muito bem, com perfeição, mas foi coagida pelo seu

marido, poderia ter sido uma pianista de sucesso, mas ela estava presa a um casamento abusivo, e não sabia como sair.

É relevante ressaltar a importância do movimento feminino, que marcou a geração das mulheres, que modificou formas de pensar e viver, de relacionar com o corpo social. O feminismo abriu espaço tanto para a reivindicação, quanto para o aprofundamento da reflexão-crítica sobre o lugar social da mulher. Sem sombra de dúvidas os movimentos das mulheres livraram em grande parte das servidões da reprodução, a igualdade que temos hoje, mesmo precisando melhorar, o pouco que temos é graças a esses movimentos sociais, que proporcionaram um certo triunfo. Desse modo, estudos feministas fizeram emergir a existência de mulheres que sempre fizeram a história, mas até então não tinham recebido o merecido reconhecimento por suas trajetórias de resistência e luta na vida cotidiana e no âmbito público (MILHOMEN, p. 12, 2012) e privado.

Scott, (1995, p. 19) declara que,

[...] o termo gênero faz parte das tentativas levadas pelas feministas contemporâneas para reivindicar certo campo de definição, para insistir sobre o caráter inadequado das teorias existentes em explicar desigualdades persistentes entre mulheres e homens. Adiante a escritora cita que o gênero é, portanto, um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana (1995, p. 23). O que implica em visão de igualdade política e social.

Isso só afirma o quanto é fundamental estudar gênero, pois é um elemento constitutivo de relações sociais, que desnaturaliza as diferenças que a sociedade atribui à feminilidade e masculinidade. De acordo com Scott, “o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque ela oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens” (1995, p. 7). Parafrazeando Maria Santana Ferreira dos Santos Milhomem (2012, p. 20) cita o gênero sem dúvida, preencheu lacunas na produção do conhecimento científico e desvelou problemas antes não questionados. Por fim, faz visibilizar os problemas de gênero na sociedade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *priori*, a sociedade é marcada por uma profunda desigualdade entre mulheres e homens, como já mencionados os papéis são construídos e delimitados por um processo que coloca em pauta a “civilidade” do sujeito, no qual mostram claramente que parte da ideia de socialização, conectada a uma cultura patriarcal que busca “socializar os corpos”. Recordando o Filósofo Michel Foucault, isso se dá pela aplicação da disciplina, o que ele chama de corpos dóceis.

As ciências sociais, nos mostra claramente que as relações de gênero perpassam várias concepções e estudos, que atravessam a criação dos papéis sociais, para homens e para mulheres construídas na sociedade, nesse sentido debruça-se sobre questões de poder, violência, machismo, sexualidade e tantas outras esferas de opressão. Nesse sentido entendemos que a construção de gênero se desenvolve e se constitui a partir das trocas sociais, ou seja, no modo como nos correlacionamos com o outro e com a sociedade no geral.

Considerando que todas essas relações de gênero são construídos, que são legitimados, reproduzidos e naturalizados no cotidiano, compreende-se que ambas nascem através de ações consciente e inconsciente, no qual estabelecem padrões do que se diz específico, exclusivo e próprio para a mulher e para o homem, conseqüentemente favorecendo a uma reprodução “natural” dessas ações, tomando-as modos de viver. Assim, gênero é uma ferramenta teoricamente importante para se compreender e problematizar essas relações sociais.

Contudo, vale ressaltar a importância da linguagem e da consciência-crítica, no desenvolvimento das ações que versam promover a equidade e igualdade entre mulheres e homens. Nas palavras de Angela Davis, à “necessidade de não hierarquização das opressões, ou seja, o quanto é preciso considerar a intersecção de raça, classe e gênero para possibilitar um novo modelo de sociedade” (2016, p. 20 do PDF). A partir do momento em que nós percebemos envoltos e orientados a partir das Relações de Gênero podemos desenvolver um olhar mais crítico sobre o contexto no qual estamos inseridos. O mesmo acontece quando trabalhamos com livros, filmes ou mesmo séries de televisão (é o nosso caso). É preciso dizer que durante muitos anos e até os dias de hoje as mulheres enfrentam dificuldades para ocupar lugares na sociedade civil (direito ao voto e direito ao ingresso nas universidades, por exemplo).

Para conquistar esses lugares foi necessário que as mesmas lutassem e resistissem, uma vez que os estigmas e estereótipos, relacionados à figura feminina, foram utilizados

como ferramenta para silenciá-las na sociedade. Resistência e ser mulher. A luta por igualdade é um direito de todos, pois só assim é possível desenvolver uma sociedade mais equânime para mulheres e homens. Dito o exposto, “alcançar a igualdade de direitos é converter-se em um ser humano pleno e cheio de possibilidades e oportunidades para além de sua condição de raça e de gênero” (CARNEIRO, 2020, p.5). É fundamental romper com o antagonismo produzido entre homens e mulheres, pois há questões diversas e não tem como universalizar os papéis.

Mediante o exposto compreendemos que as relações de gênero estão presentes e é retratada nessa produção artística, afinal a minissérie mostra claramente as relações sociais de poder estabelecidas entre homens e mulheres, elucidando seus papéis sociais determinados pelas diferenças sexuais, expondo os estereótipos e privilégios de um sexo sobre outro. A partir do levantamento bibliográfico pudemos perceber que a sociedade ocidental é pautada sobre valores patriarcais, os homens conservam a supremacia nas esferas sociais e os papéis de gênero da mulher são voltados para o espaço doméstico: lar, família, marido e filhos.

A partir da decupagem, e após escolher alguns trechos dos episódios, pudemos perceber como a minissérie “O Gambito da Rainha”, é marcada por importantes momentos, onde diferentes mulheres (Beth, Jolene e Sra. Wheatley) protagonizaram situações de enfrentamento diante das dificuldades; mas que ao mesmo tempo, em outras passagens, essas mesmas mulheres foram negligenciadas simplesmente por sua condição feminina. De alguma maneira o gênero vem em primeiro lugar anulando os outros fatores – como, por exemplo, competência para jogar xadrez – que são mais importantes (e não o sexo).

A minissérie propõe pensar não apenas nas diferenças sobre as características biológicas dos corpos humanos, mas nos arranjos sociais que a sociedade impõe, colocando a mulher em uma perspectiva, no qual ela não seja julgada como inferior ou menos capaz (como muitas vezes Beth, foi na minissérie) apenas por ser mulher. Para Judith Butler as mulheres são falsamente representadas [...] como a falsidade da significação salienta a inadequação de toda a estrutura da representação (BUTLER, 2021, p. 32), como também subjugadas e rotuladas.

Este trabalho utilizou das teorias das Relações de Gênero, para compreender como a questão social da exclusão e violência contra mulheres é corriqueira e muitas vezes silenciosa e invisibilizadas na sociedade. Essas teorias constroem um discurso científico sobre a realidade social. Lançar a luz sobre essa questão social nos possibilitou uma compreensão das disparidades entre masculino e feminino. Ainda para Judith Butler, “a relação entre masculino

e feminino não pode ser representada numa economia significativa em que o masculino constitui o círculo fechado do significante e do significado” (2021, p. 33) de modo institucionalizado.

É preciso quebrar os paradigmas que criaram sobre os corpos femininos, um exemplo é a concepção de que as tarefas domésticas são “trabalho de mulheres”. Nas palavras de Angela Davis, (2016, p. 244) a abolição das tarefas domésticas enquanto responsabilidade privada e individual das mulheres é claramente um objetivo estratégico da libertação feminina e manutenção da desigualdade. As mulheres – de todas as cores, credos, idades e sexualidades - merecem o direito de autonomia sobre seus corpos, que são territórios exclusivamente seus.

A protagonista do “O Gambito da Rainha”, Elizabeth Harmon, é uma referência, ela é uma jovem que luta por espaço na sociedade através do jogo de xadrez e por isso sua história é inspiradora. A série é um espelho de águas claras que representa o cotidiano das mulheres do mundo na luta por ascensão profissional, social, cultural, política e econômica na sociedade.

Ibsen foi um escritor e um lutador. Nas suas notas na peça A casa das bonecas ele escreveu: “Uma mulher não pode ser ela própria nesta sociedade que se construiu como uma sociedade masculina com leis traçadas por homens e por juízes masculinos que julgam a sociedade a partir de critérios masculinos”(COUTO, 2009, p. 73).

Deste modo, são indispensáveis os estudos das relações de gênero, sobretudo quando aplicadas às mídias. Por outro lado o cinema e suas produções fascinam os telespectadores de várias formas, possibilitando compreender narrativas sociais e culturais – bem como fatos percebidos e despercebidos na sociedade, que podem ser interpretadas. Como um rio, o cinema leva mensagens de liberdade e também proporciona momentos de reflexões; possibilitando o estabelecimento de um vasto campo de possibilidades e movendo-se contra uma cadeia sistemática de opressão. “O cinema, enquanto artefato, produto cultural, é uma via de acesso privilegiada para os objetivos a que as Ciências Sociais se propõem. Tal como mitos, rituais, vivências e experiências, as imagens fílmicas condensam sentidos, dramatizam situações do cotidiano, representam - rerepresentam - a vida social.” (NOVAES, 2009, p. 19), o cinema é uma arte de possibilidades e criatividade.

Portanto o cinema, os filmes, as séries e as minisséries constroem memórias e retratam a realidade de uma maneira bem próxima da realidade vivida. A minissérie “O Gambito da Rainha” pode nos ajudar a pensar sobre a vida social. Da mesma forma, pode ser

compreendida como um documento que expõe acontecimentos – ou seja, as Relações de Gênero – que precisam ser analisadas e descritas de maneira científica.

Por fim, estudar o campo por excelência do debate sobre Relações de Gênero, particularmente no que diz respeito às relações de gênero entre mulheres e homens que são adquiridas e transmitidas ao longo dos milênios – tem sua relevância social, pois contribui para o estranhamento do cotidiano a partir da obra cinematográfica “O Gambito da Rainha”, por conseguinte compreender que sexo não significa o mesmo que gênero, enquanto o sexo se configura na característica biológica o gênero se refere ao processo de construção de identidades através dos arranjos e contratos sociais de cada período, ou seja, isso advém de criações sociais e culturais que cada geração é educada e treinada. Segundo Jane Soares de Almeida,

[...] o gênero procura dar significado às relações de poder; se configura como um elemento estabelecido nas relações sociais baseado sobre as diferenças entre os sexos e se manifesta como um meio de decodificar o sentido e compreender as relações complexas presentes no meio social. [...]o gênero é uma categoria teórica que se refere a um conjunto de significados e símbolos construídos sobre a base da diferença sexual que são utilizadas na compreensão das relações entre homens e mulheres, a que se denomina alteridade, a relação com o outro(p. 169, 2011).

Através disto percebemos o quanto as produções audiovisuais são ótimas para descentralizar e refletir premissas culturais, sociais, etc., por meio de um universo imagético que encontra a vida social, desta forma são pensadas e feitas com objetivo de nos levar a uma reflexão sobre assuntos presentes no cotidiano. Sem sombra de dúvidas é indispensável os estudos das relações de gênero, sobretudo quando aplicadas às mídias. Contudo, é um trabalho coletivo e contínuo rumo a igualdade, mesmo que a contemporaneidade mostra que há um número significativo de pessoas que não mais se compatibiliza com esses estereótipos que separam os indivíduos e colocam-vos em caixas fixadas de acordo com o sexo – estão acessíveis a ressignificações. Por fim, acreditamos que a indústria cinematográfica pode colaborar significativamente na luta por igualdade de gêneros¹¹.

¹¹ Gêneros, na possibilidade de pensar para além das características biológicas tipicamente atribuídas aos sexos (masculino e feminino) como também, sendo uma forma de mostrar que gênero não significa somente homens e mulheres (termo esse definido e estabelecido ao longo do tempo).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade; EDUC, 2002.

ALMEIDA, Tayná Pereira de; PEREIRA, Camila Claudiano Quina. A Representação Da Mulher Nas Séries De Televisão. **Revista DisSoL - Pouso Alegre**, ano VII, nº 11, jan-jun/2020 – ISSN 2359-2192.

ALMEIDA, Jane Soares de. As relações de poder nas desigualdades de gênero na educação e na sociedade. **Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, Campo Grande-MS, n. 31, p. 165-181, jan./jun. 2011.

AUGUSTO, C. A., SOUZA, J. P. de, DELLAGNELO, E. H. L., & CARIO, S. A. F.. (2013). Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). **Revista De Economia E Sociologia Rural**, 51(4), 745–764.<<https://doi.org/10.1590/S0103-20032013000400007>>.

BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro da. **Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.

BATISTA, Paula. **Na fila da adoção, crianças negras são maioria**. m'n - O Mundo Negro, portal de notícias, 25 de maio de 2021. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/na-fila-da-adoacao-criancas-negras-sao-maioria/> Acesso: 05.02.2023.

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/5pBFdjL4mWHnSM5jXySt9VF/?lang=pt>. Acesso em: 01 setembro de 2022.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo 1**. Fatos e mitos. Tradução de Sérgio Millet; Capa de Fernando Lemos. - 4ª ed. São Paulo / Difusão Europeia do Livro, Copyright by Librairie Gallimard, Paris. 1970, p. 309.

_____. **O segundo sexo 2**. A experiência vivida. Tradução de Sérgio Millet; Capa de Fernando Lemos. - 2ª ed. São Paulo / Difusão Europeia do Livro, Copyright by Librairie Gallimard, Paris. 1967, p. 499.

BERREMAN, Gerard D. **“Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia”**. Desvendando Máscaras Sociais (GUIMARÃES, Alba Zaluar, org.) Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora S.A. 1975.

BIROLI, Flávia. 2013. Autonomia e Desigualdades de Gênero: contribuições do feminismo para a crítica democrática. Vinhedo: Editora Horizonte. 208pp. DOS REIS, Izis Moraes Lopes. PPGAS/UnB. Anuário Antropológico, Brasília, UnB, 2014, v. 39, n. 1: 249-253.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** - Tradução de Renata Aguiar. - 21ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. - (Sujeito e História).

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.** LOLA Press nº 16, novembro de 2020.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** Ensaios. In: E se Obama fosse africano?. Ed. Caminho SA, Lisboa, 2009.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe.** Tradução de Heci Regina Candiani. -1ª ed. - São Paulo: Editora Boitempo, 2016, pp. 237.

De peão à rainha de Katwe - Postado em: 15 de outubro de 2018. Disponível em: <https://ludosofia.com.br/resenha/de-peao-a-rainha-de-katwe/> Acessado em 2023.

Discussões de gênero no tabuleiro: xadrez e mulheres. Wagner Xavier de Camargo LELuS (Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e de Sociabilidade) 7 de março de 2021. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquivancada/discussoes-de-genero-no-tabuleiro-xadrez-e-mulheres/> Acessado em 2023.

DORIGONI, Gilza Maria Leite; SILVA, João Carlos da. 2007. **Mídia e Educação: o uso das novas tecnologias no espaço escolar.** Disponível em URL: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1170-2.pdf> .Acesso em: 01 de setembro de 2022.

ROSALEN, Eloísa. **Entre desigualdades, limites e relações de gênero: a democracia no Brasil.** Cadernos Pagu (56), 2019: e195618.

FERRAZ, Ana Lúcia Camargo; MENDONÇA, João Martinho de Ana Lúcia Camargo Ferraz e João Martinho de Mendonça (Orgs.). **Antropologia visual: perspectivas de ensino e pesquisa;** Brasília- DF: ABA, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 1926-1984, organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. - 9ª ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2019. 432 pp..

_____. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão.** Tradução de Raquel Ramallete. 42ª. Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014 - 7ª reimpressão, 2019.

GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa: por uma Teoria Interpretativa da Cultura.** A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HOBBS, Julia. **O significado por trás dos figurinos de 'O Gambito da Rainha'.** 2020. Disponível em: <https://vogue.globo.com/lifestyle/cultura/Series/noticia/2020/11/o-significado-por-tras-dos-figurinos-de-o-gambito-da-rainha.html>. Acesso em: 15 de setembro de 2022.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura.** Coleção Estudos Dirigida por J. Guinsburg / Equipe de realização - Tradução: João Paulo Monteiro; Revisão:

Mary Amazonas Leite de Barros; Produção: Ricardo W. Neves e Adriana Garcia. 4ª ed. - reimpressão. Editora / Perspectiva, S. A. 2000 - 162 pp..

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. **Imagem-violência:** etnografia de um cinema provocador. Prefácio; Massimo Canevacci. - São Paulo: Terceiro Nome, 2012, 200 p..

IÑIGUEZ, Lupicínio; Joscelyne, Vera Lúcia. **Manual de análise do discurso em ciências sociais** / Lupicínio Iniguez (coordenador) tradução de Vera Lúcia Joscelyne. - Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. **Inovação e gênero:** em busca de um mundo inclusivo / Organizadora Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. **Imagem-violência:** etnografia de um cinema provocador. Prefácio: Massimo Canevacci. - São Paulo: Terceiro Nome, 2012, p. 200.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** 6ª ed. Petrópolis 2003 Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista /: Editoras Vozes, 1997 / 2003.

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento.** Tradução: Rosa Krausz; Revisão: Dora Ruhman, Fany Kon, Geraldo Gerson de Souza e J. Guinsburg; Produção: Ricardo W. Neves, Heda Maria Lopes e Raquel Fernandes Abranches. 4ª ed. Editora Perspectiva S.A. - São Paulo - SP – Brasil. 2003, p 316.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 21ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p..

MURARO, Rose Marie. **Libertação Sexual da Mulher.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1971, pp. 166.

Mulheres no xadrez: conquistas e desafios. Jonas Chaves. **Blogs/Xadrez popular.** Atualizado: 15 de março de 2023. Disponível em: <https://www.chess.com/pt-BR/blog/JonasCap02/mulheres-no-xadrez-conquistas-e-desafios> Acessado em 2023.

MILHOMEM, Maria Santana Ferreira dos Santos. **Gênero, Etnia, Violência.** As representações de gênero na formação de professores indígenas xerente e expressão da violência / Maria Santana Ferreira dos Santos Milhomem. Palmas: Nagô Editora, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso.** Tradução: Freda Indursky; revisão dos originais da tradução; Solange Maria Ledda Gallo, Maria da Glória de Deus Vieira de Moraes. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3ª edição, 1997.

Netflix: O Gambito da Rainha. Publicado em 1 de dezembro de 2020 - **Blogs Pereus.** Disponível em: <https://pereus.blogspot.com/2020/12/netflix-o-gambito-da-rainha.html> Acessado em 2023.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Entre a harmonia e a tensão: as relações entre Antropologia e imagem. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, ano 13, vol. 20 (1+2): 9-26 (2009).

PRIORE, Mary Del; BASSANEZI, Carla. **História das mulheres no Brasil** / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. Ed. - São Paulo: Editora Contexto, 2004 - 677 pp..

Repórteres: Íssala Queiroz da Cruz Silva, Maiara Montalvão Giudice Torres, Rudá Paixão de Souza Andrade, Sandy Ádila Jesus dos Santos, Saulo Yuri Pereira da Silva - Revisão: Antônio Netto - Mulheres no Xadrez: profissionais questionam o espaço feminino no esporte. **Revista: Avera - UNIFACS**, 8 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.noticiasavera.com.br/mulheres-no-xadrez-profissionais-questionam-o-espaco-feminino-no-esporte/> Acessado em 2023.

SETERS, Frits Van. **Manual Prático Do Xadrez**: Uma iniciação clara e rápida. Tradução de: Luiz Carlos Teixeira de Freitas. Hemus - Livraria Editora LTda, 1995 - 142 pp..

SCOTT, Joan. SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Tradução: Christine Rufino Dabat; Maria Betânia Ávila. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995.

SILVA, Ruan Bitencourt. Uma campeã mundial como Beth Harmon: a história de Vera Menchik, a primeira dama do xadrez. Publicado em 18 de agosto de 2021. Disponível em: <https://universoracionalista.org/uma-campea-mundial-como-beth-harmon-a-historia-de-vera-menchik-a-primeira-dama-do-xadrez/>. Acesso em 10 de abril de 2023.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada/Anselm Strauss, Juliet Corbin ; tradução Luciane de Oliveira da Rocha. - 2. ed.-Porto Alegre : Artmed, 2008. 288 p..

STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva**: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Tradução de André Villalobos. - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006, p. 267 – PDF.

TRIVELIN, Isabel Maria Isabel. Gênero e xadrez: a posição da mulher no mundo enxadrístico. **Revista Mundi Engenharia, Tecnologia e Gestão**. Paranaguá, PR, v.5, n.1, p. 211-01,211-25, 2020.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de Si**. Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995, p. 71-125.

Xadrez e mulheres: o que há por trás do desequilíbrio de gênero?. **Revista Planeta**. DAVID SMERDON, 23 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://revistaplaneta.com.br/xadrez-e-mulheres-o-que-ha-por-tras-do-desequilibrio-de-genero/> Acessado em 2023.

ZAMBONI, M. **Marcadores Sociais da Diferença**. Sociologia: grandes temas do conhecimento (Especial Desigualdades), p. 14–18, 2014. Disponível em: http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/wpcontent/uploads/2015/07/ZAMBONI_MarcadoresSociais.pdf. Acesso em: 15 de setembro de 2022.